

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE
PRODUÇÃO E SISTEMAS**

**O USO DO PROGRAMA TV ESCOLA NAS ESCOLAS DA
REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE DOURADOS-MS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

ELEUZA FERREIRA DUARTE

FLORIANÓPOLIS
2001

**O USO DO PROGRAMA TV ESCOLA NAS ESCOLAS DA
REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE DOURADOS-MS**

ELEUZA FERREIRA DUARTE

O USO DO PROGRAMA TV ESCOLA NAS ESCOLAS DA
REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE DOURADOS-MS

ESTA DISSERTAÇÃO FOI JULGADA E APROVADA PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE
MESTRE EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO NO **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM**
ENGENHARIA DE PRODUÇÃO E SISTEMAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA
CATARINA

Florianópolis, 17 de Agosto de 2001.

Prof. Ricardo Miranda Barcia, Ph.D
Coordenador do Curso

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Hugo César Hoeschel
Orientador

Prof^a . MSc. Dulce Márcia Cruz
Tutora de Orientação

Prof^a . Dr^a . Silvana Bernardes Rosa

Prof^a . Dr^a . Helena Pereira da Silva

Aos meus pais, Arlindo e Gercina, pelo incentivo inicial aos estudos, o que me possibilitou chegar aqui

AGRADECIMENTOS

A realização desta dissertação só foi possível graças à colaboração de muitas pessoas. Expressamos nossa gratidão a todas elas, com especial atenção:

aos professores da Universidade Federal de Santa Catarina;

à Fundação Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), pela oportunidade de realizar o Mestrado em uma universidade pública;

à Prof^a. MSc. Dulce Márcia Cruz, pela orientação dispensada ao desenvolvimento deste trabalho;

ao prof. Dr. Hugo César Hoeschel, por acreditar no meu projeto de pesquisa;

à Direção das escolas que me receberam;

às pessoas envolvidas na pesquisa, que com generosidade me forneceram as informações necessárias para o desenvolvimento da pesquisa;

à Prof^a. Dra. Rosana C. Zanellatto Santos, pela correção do texto;

a minha mãe, Gercina, que tantas vezes assumiu o papel de mãe dos meus filhos para que eu pudesse me dedicar a esta pesquisa;

a meus filhos, Fernando, Patrícia e Bianca, e ao meu esposo, Mauro, pela compreensão nos momentos de ausência do convívio familiar;

à professora e colega Kátia Carneiro Rodrigues Fujii, pelos conhecimentos na área da língua inglesa e que tanto colaboraram no êxito deste trabalho;

à Regina Farias de Moura pelo elaboração do *abstract*;

aos professores e colegas do Mestrado em Engenharia da Produção com ênfase em Mídia e Conhecimento da Universidade Federal de Santa Catarina.

"Uma meia verdade aprendida por nós próprios vale mais do que a plena verdade ouvida de outros".

Sarvepalli Radharhishnan."

Sumário

Lista de Figuras.....	p.viii
Lista de Tabelas.....	p.ix
Lista de Anexos.....	p.x
Resumo.....	p.xi
<i>Abstract</i>	p.xii
1. INTRODUÇÃO	p.01
1.1 Problemas da pesquisa.....	p.01
1.2 Hipótese.....	p.02
1.3 Objetivo geral da pesquisa.....	p.02
1.4 Objetivos específicos.....	p.02
1.5 Justificativa.....	p.03
1.6 Metodologia.....	p.03
1.7 Estrutura do trabalho.....	p.04
2. ENSINO A DISTÂNCIA E TV ESCOLA - UMA ALIANÇA NA CONTRIBUIÇÃO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM	p.06
2.1 Tecnologias na educação - importância, utilidades e implicações.....	p.06
2.2 Percursos da Educação a Distância no Mundo.....	p.14
2.3 Educação a Distância no Brasil.....	p.19
2.4 Contribuições da legislação brasileira para a Educação a Distância....	p.23
2.5 TV Escola – criação, objetivos, abrangências.....	p.27
3. FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES – O PAPEL DO BRASIL NA TENTATIVA DE SOLUÇÕES	p.32
3.1 Estado de Mato Grosso do Sul – Os novos desafios e o Curso Normal Superior.....	p.41
4. METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS	p.49

4.1 Pesquisa bibliográfica.....	p.49
4.2 As escolas e os sujeitos da pesquisa.....	p.50
4.3 Estimativa da amostra.....	p.50
4.4 Material utilizado para a coleta dos dados.....	p.51
4.5 Limitações da pesquisa.....	p.52
4.6 Descrição dos questionários.....	p.53
4.6.1 Dos coordenadores pedagógicos.....	p.53
4.6.2 Dos professores.....	p.54
4.7 As entrevistas.....	p.56
4.7.1 Das pessoas responsáveis pela gravação do Programa TV Escola..	p.56
4.7.2 Da Coordenadora Pedagógica.....	p.58
4.8 Análise e discussão dos resultados.....	p.59
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p.73
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p.77
7. ANEXOS.....	p.81
7.1 Mapa.....	p.82
7.2 Questionário para professores.....	p.83
7.3 Questionário para supervisor/coordenador pedagógico.....	p.86
7.4 Entrevista com as pessoas responsáveis pela gravação das fitas.....	p.88
7.5 Entrevista com a coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação - responsável pelo Ensino Fundamental.....	p.89

Lista de Figuras

Figura 1. Demonstrativo de formação de professores no Brasil e no Mato Grosso do Sul.....	p.34
Figura 2. Demonstrativo da carga horária de trabalho dos professores....	p.60
Figura 3. Local onde os professores assistem às fitas.....	p.60
Figura 4. Demonstrativo do tempo de aquisição do kit tecnológico.....	p.63
Figura 5. Demonstrativo de formação profissional dos professores.....	p.64
Figura 6. Qualidade do material gravado.....	p.66
Figura 7. Demonstrativo da análise do Programa TV Escola em relação a mudança de comportamento dos profissionais que o utiliza.....	p.67
Figura 8. TV Escola – Avaliação da qualidade dos programas.....	p.68

Lista de Tabelas

- Tabela 1.** Número de funções docentes, no Ensino Fundamental – 1ª à 4ª Série, por grau de formação, no Brasil e em Mato Grosso do Sul, em 25/03/98..... p.33
- Tabela 2.** Demonstrativo de Professores que Atuam na Educação Básica sem Formação Superior..... p.42

Lista de Anexos

Anexo 01. Mapa de localização das escolas.....	p.82
Anexo 02. Questionário para professores.....	p.83
Anexo 03. Questionário para supervisor/coordenador pedagógico.....	p.86
Anexo 04. Entrevista com as pessoas responsáveis pela gravação das fitas.....	p.88
Anexo 05. Entrevista com a coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação - responsável pelo Ensino Fundamental.....	p.89

RESUMO

DUARTE, Eleuza Ferreira. **O uso do programa TV Escola nas escolas da rede municipal de ensino de Dourados-MS**. Florianópolis, 2001. 89fls. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Produção) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção - UFSC, 2001.

Este estudo tem como objetivo analisar o uso do Programa TV Escola nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Dourados, Estado de Mato Grosso do Sul, tendo em vista a importância do ensino a distância não só na educação brasileira, mas também em outros países do mundo. O Programa TV Escola foi lançado pelo governo federal para desempenhar um papel de formação inicial e continuada dos professores das escolas da rede pública, fornecendo-lhes capacitação, aperfeiçoamento e valorização do trabalho docente, e também para ser utilizado como recurso didático em sala de aula, como um instrumento de introdução das novas linguagens trazidas pelo avanço tecnológico. Para conhecer melhor o Programa TV Escola, recorremos a documentos governamentais, materiais impressos disponibilizados pelo MEC, bem como assistimos a diversos programas gravados pelas escolas selecionadas para compor este trabalho. Durante a pesquisa, analisamos e identificamos, por meio de questionários e entrevistas, se os programas veiculados pelo TV Escola conseguem provocar mudanças positivas na prática dos profissionais que os utilizam e quando usados em sala de aula, se conseguem provocar no aluno um maior interesse pelo conteúdo ensinado. Com base nos resultados atingidos, conseguimos demonstrar a importância do TV Escola, ainda que haja, por parte dos professores e dos responsáveis por sua difusão, uma série de demandas, que sanadas, proporcionariam um melhor aproveitamento do uso dos programas veiculados.

Palavras-chave: Programa TV Escola, ensino a distância, formação continuada, tecnologia educacional.

ABSTRACT

DUARTE, Eleuza Ferreira. **The use of TV School Program in the schools of state Network of Teaching in Dourados city.** Florianópolis, 2001, 89 pages. Master's Thesis (Masters Program in Production Engineering) – Pos-Graduate Program in Production Engineering - UFSC, 2001.

This study has as objective to analyse the use of TV School Program in the schools of state Network of Teaching in Dourados city, Southern Mato Grosso State, considering the importance of Distance Teaching in Brazil and in another countries of the world. The TV School Program was introduced by the Federal Governor in order to play the part of initial and continued formation of the teachers of public network schools, taking them the opportunity of qualifying, improving and growing in their work, utilizing these pedagogical and technological resources in class as an instrument to introduce new languages bringing by the technological advances. To knowing better the TV School Program, we evoke to governmental documents, printed materials available by MEC, as when we watch several programs recorded by selected schools to compose this work. During the research work, we analyse and identify, through of questionnaires and interviews, if the programs showed by TV School get to promote positive changes in the practice of professionals that use them in classrooms, and if they get to provoke in the student a bigger interesting by the content taught. Based on the reached results, we get to demonstrate the TV School importance, instead of the existence of some contest by the teachers and responsible person by its difusion. If tese questions were composed, we will get a best improvement of the exhibit programs.

Key-words: TV School Program, Distance Teaching, Continued Formation, Educational Technology.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo um dos programas pertencentes ao governo federal, implementado via Ministério da Educação e Cultura (MEC), o Programa TV Escola. Trata-se de um programa de educação a distância lançado em caráter experimental em 1995, sendo transmitido por meio de um canal de televisão e dedicado exclusivamente a educação a distância.

O Programa TV Escola tem como objetivos principais a formação continuada, mediante a capacitação permanente dos professores das redes estadual e municipal de ensino, e sua utilização como recurso didático em sala de aula. De acordo com a divulgação do governo federal, esse programa veio para sanar as carências de capacitação dos professores lotados nas mais variadas escolas do Brasil, que estão cadastradas no Programa.

O presente trabalho visa discutir o uso do Programa TV Escola nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Dourados (Mato Grosso do Sul), tendo em vista a importância da educação a distância na atual conjuntura da educação brasileira. De acordo com o discurso do governo federal, o Programa TV Escola está inserido nesse contexto, sendo apresentado como uma possibilidade de introdução das novas tecnologias no ambiente escolar. Por meio do Programa TV Escola, o governo federal assegura o cumprimento de seu compromisso de valorização do professor, desenvolvendo atividades de formação em múltiplas linguagens, diversificando os espaços educacionais e ampliando os domínios do conhecimento, na tentativa de elevar significativamente a qualidade e a equidade da educação brasileira.

1.1 Problemas da pesquisa

Algumas questões nortearam este trabalho na busca da comprovação de nossa hipótese: os programas veiculados pelo TV Escola conseguem provocar mudanças positivas quando inseridos como recurso didático em sala de aula?

Como o Programa TV escola tem influenciado no desenvolvimento profissional dos professores que o utilizam? É possível, com o uso dos programas do TV Escola, provocar uma mudança de comportamento no profissional que os utiliza?

1.2 Hipótese

Trabalhamos com a hipótese de que as escolas cadastradas no Programa TV Escola conseguem provocar mudanças positivas na qualidade do ensino, em face do relevante papel que o Programa desempenha na capacitação continuada, bem como em sua utilização como recurso didático em sala de aula.

1.3 Objetivo geral da pesquisa

Discutir o uso do Programa TV Escola nas Escolas da Rede Municipal de Ensino de Dourados-MS.

1.4 Objetivos específicos

- identificar a forma como a Coordenação Pedagógica das escolas proporciona o acesso dos professores aos programas do TV Escola;
- verificar como os próprios professores se garantem o acesso às fitas dos programas;
- verificar se a gravação das fitas é feita por pessoal treinado para a função;

identificar o critério adotado para a seleção dos programas a serem gravados;

- levantar o perfil da qualificação dos professores que adotam o Programa como um complemento didático-pedagógico.
- levantar informações que possam servir como base para o enriquecimento dos futuros programas na área do ensino a distância.

1.5 Justificativa

Escolhemos o tema ora apresentado tendo em vista a relevância científica de detectar a contribuição que um programa como o TV Escola proporciona no que tange à formação de professores, tanto como capacitação continuada quanto como ferramenta utilizada no processo de ensino-aprendizagem. Há também um interesse de cunho pessoal, pois já fomos funcionária pública, lotada na Secretaria Municipal de Educação do Município de Dourados; na época em que exercemos a função, acompanhamos as primeiras transmissões do antigo programa Um Salto para o Futuro e pudemos sentir não só o entusiasmo com que os professores receberam esse programa, mas também a dificuldade de acesso a ele.

Há um outro motivo, tão relevante quanto os anteriores, para a realização deste estudo: o destaque do ensino a distância, atrelado ao avanço tecnológico pelo qual passamos nos dias de hoje. Sentimos a necessidade de desenvolver uma avaliação desse ensino, ainda que preliminar, com o objetivo de identificar o grau de aceitabilidade do ensino a distância em nossa sociedade, tendo como amostragem o público que assiste e adota o Programa TV Escola.

1.6 Metodologia

Para a realização desta pesquisa dois métodos foram utilizados: a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo. Para conhecer melhor o Programa TV Escola, pesquisamos a Revista TV Escola e os *sites* do MEC; assistimos às fitas do próprio Programa que trazem seus antecedentes históricos e contatamos funcionários das escolas selecionadas para compor parte desta pesquisa.

A pesquisa de campo foi desenvolvida no município de Dourados (Mato Grosso do Sul), em 14 (catorze) escolas da Rede Municipal de Ensino. Para alcançar uma abrangência maior, foram levantados dados em escolas do centro e em bairros periféricos do município. Os dados foram coletados por intermédio de questionários e de entrevistas previamente elaborados. Colhemos depoimentos de funcionários da Secretaria Municipal de Educação, coordenadores pedagógicos, pessoas responsáveis pela gravação das fitas do Programa TV Escola e professores.

1.7 Estrutura do trabalho

Esta dissertação encontra-se dividida em seis capítulos. No capítulo dois, apresentamos a fundamentação teórica que embasa a pesquisa. Este capítulo subdivide-se em cinco subseções: a primeira delas aborda o tema da tecnologia na educação, apontando sua importância, suas utilidades e suas implicações; a segunda subseção traz os antecedentes da educação a distância; na terceira subseção, trata do ensino a distância no Brasil, destacando alguns acontecimentos relevantes; na quarta subseção analisamos a contribuição da legislação brasileira para o ensino a distância; a quinta subseção trata do Programa TV Escola; O capítulo três, que também traz uma fundamentação teórica, trata da formação continuada de professores e o papel do Estado brasileiro na busca de alternativas para a questão. Ainda no capítulo três, exploramos o tema da formação continuada em exercício no âmbito do Estado de Mato Grosso do Sul, onde foi implantado um Curso Normal Superior, um programa de formação continuada.

No capítulo quatro discorreremos sobre a metodologia de pesquisa utilizada e a Análise dos dados. Ele se encontra subdividido em oito subseções: a primeira subseção relata o estudo realizado para conhecer melhor o Programa TV Escola; a segunda subseção traz um estudo dos critérios adotados para a seleção das escolas e dos sujeitos participantes da pesquisa; a terceira subseção aborda o material utilizado para a coleta de dados; na quarta subseção estabelecemos a amostra da pesquisa; na quinta subseção, destacamos as limitações desta pesquisa; na Sexta subseção, descrevemos os questionários, distinguindo os questionários dos professores e os questionários para os coordenadores. Quanto à sétima subseção, abordamos as entrevistas realizadas; Na subseção oito, analisamos os dados coletados durante o desenvolvimento de nossa pesquisa.

Finalmente, estabelecemos nossas conclusões e considerações finais sobre a pesquisa desenvolvida no capítulo seis.

2. ENSINO A DISTÂNCIA E TV ESCOLA - UMA ALIANÇA NA CONTRIBUIÇÃO DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

Neste capítulo abordamos cinco temas: tecnologia na educação, apontando sua importância, suas utilidades e suas implicações; antecedentes da educação a distância no mundo e no Brasil, destacando alguns acontecimentos relevantes; analisamos a contribuição da legislação brasileira para o ensino a distância; abordamos o Programa TV Escola que é o objeto de estudo desta pesquisa.

2.1 Tecnologias na educação - importância, utilidades e implicações

Vivenciamos uma era de transformações, uma era de interdependência global, com a internacionalização da economia, a supervalorização da comunicação e da informação e a aproximação entre homens e máquinas. Nas últimas décadas, com a revolução tecnológica e científica, a sociedade mudou muito, o que provocou alterações significativas no comportamento dos indivíduos e principalmente dos educandos, tendo em vista o grande acesso que se tem diariamente e mesmo momentaneamente, aos recursos tecnológicos.

Em face do processo acelerado de desenvolvimento desses avanços, o sistema de ensino tornou-se alvo de mudanças efetivas, o que possibilitou a inserção em muitas instituições de ensino de recursos tecnológicos como poderosa ferramenta de sedução e resolução de problemas.

Queremos destacar neste trabalho como um dos recursos tecnológicos mais utilizados no meio educacional desde décadas atrás até os dias de hoje, os projetos e programas mediatizados pela TV e pelo vídeo, que podem ser considerados como os embriões do ensino a distância.

Para abordar o tema tecnologia educacional, é preciso lembrar a importância de dois grandes eventos que marcaram a evolução humana: a revolução agrícola e a revolução industrial. Lançando um olhar sobre a história da humanidade, percebemos que pouco a pouco a vida foi se transformando e que o tempo e a tecnologia diferenciaram a forma de pensar e o cotidiano das pessoas. Quem negaria a importância do surgimento das técnicas de plantio, da máquina a vapor e da eletricidade, cada qual em seu tempo?

Analogamente às aquelas revoluções, uma nova revolução paira no ar, uma terceira, desta feita da informação, também conhecida como Terceira Onda, segundo Alvin Tofler.

Contemporaneamente a tecnologia está presente direta ou indiretamente em atividades bastante comuns. A escola faz parte do mundo e para cumprir sua função de contribuir para a formação de indivíduos que possam exercer plenamente a cidadania, participando dos processos de transformação e de construção da realidade, deve abrir-se e incorporar novos hábitos, comportamentos, percepções e demandas.

Porém, a incorporação das inovações tecnológicas só tem sentido se contribuir para a melhoria da qualidade do ensino. A simples presença das novas tecnologias na escola não é, por si só, garantia de maior qualidade na educação, pois a aparente modernidade pode mascarar um ensino tradicional baseado na recepção e na memorização de informações. Concordamos com Moran quando ele afirma que

“As tecnologias de comunicação não mudam necessariamente a relação pedagógica. As tecnologias tanto servem para reforçar uma visão conservadora, individualista como uma visão progressista. A pessoa autoritária utilizará o computador para reforçar ainda mais o seu controle sobre os outros. Por outro lado, uma mente aberta, interativa, participativa encontrará nas tecnologias ferramentas maravilhosas de ampliar a interação.” (1995, p. 25)

Desse prisma, não é possível que o professor permaneça alheio às mudanças, pois ele é um dos principais personagens da história humana, cabendo-lhe impor-se uma postura que o transforme de um profissional instrutor e repassador de conteúdos, para um professor estimulador, animador, instigador e mediador do conhecimento. É necessário que esse novo professor

discuta os desafios da nova era e participe da construção de uma nova sociedade (virtual).

É inegável que a sociedade contemporânea convive com um grande número de recursos tecnológicos, seja nas residências, no trabalho ou nas horas de diversão, o que implica dizer que uma boa parte de seu tempo é passado diante de um aparelho tecnológico. É nesse contexto que a escola deve se apoiar e investir numa educação que venha ao encontro do cotidiano das pessoas. É preciso que a educação estabeleça pontes entre os meios de comunicação e a escola, entre a sua forma de lidar com o conhecimento e a da escola e um dos caminhos é desenvolver com os professores formas de leitura crítica dos meios de comunicação nas diversas áreas do conhecimento, analisá-los tanto do ponto de vista estático como de conteúdo.

Mariana Maggio acredita na possibilidade de trabalhar, pensar e construir conhecimento num campo onde as práticas de ensino, em suas mais diversas formas, sejam abordadas para propor novos modos de transformação (apud Litwin, 1995, p.20).

A cada dia é fortalecido o consenso de que uma gestão da comunicação e da informação adequada ao espaço educativo se faz necessária, principalmente no âmbito específico da ação pedagógica, tais como:

- emprego das tecnologias educacionais por parte dos professores na otimização do ensino presencial e a distância;
- educação para a comunicação, destinada à formação dos receptores e usuários dos meios e tecnologias, no espaço mais abrangente da educação para a cidadania;
- capacitação para o uso das tecnologias da informação, considerando a indispensável educação para o trabalho.
- Não é possível que no meio educacional se ignorem as novas tecnologias. As mudanças propiciadas pela informática deixam de ser opcionais, passando a fazer parte do atual contexto social. Litwin sintetiza com muita propriedade as novas maneiras de acesso e produção do conhecimento:

“Consideramos que o desenvolvimento da tecnologia atinge de tal modo as formas de vida da sociedade, que a escola não pode ficar à margem. Não se trata simplesmente da criação de tecnologia para a educação, da recepção crítica ou da incorporação das informações e dos meios na escola. Trata-se de entender que se criaram novas formas de comunicação, novos estilos de trabalho, novas maneiras de ter acesso e de produzir conhecimento. Compreendê-los em toda sua dimensão nos permitirá criar boas práticas de ensino para a escola de hoje.” (1995, p.12)

É necessário compreender que por intermédio dos meios de comunicação de massa originados das novas tecnologias eletrônicas, as imagens e os sons bombardeiam indivíduos de todas as gerações com uma contundência sem precedentes. Os meios de comunicação de massa converteram-se no espaço onde crescem e desenvolvem-se as novas gerações; é por meio deles que essas gerações têm acesso à realidade. Sua visão do mundo, da história e do homem está intimamente ligada à visão imposta pelos meios de comunicação.

Para Moran, “Televisão e vídeo combinam a multiplicidade de imagens e ritmos, com uma variedade fascinante de falas, de música, de sons, de textos escritos” (1994, p. 44). Essa combinação de linguagens agita a percepção humana, levando-nos a vislumbrar caminhos até então insondáveis e que nos atingem sensorial, afetiva e racionalmente.

Os meios de comunicação, em especial os audiovisuais, desenvolvem formas sofisticadas de comunicação sensorial multidimensional. As pesquisas nessa área têm aperfeiçoado fórmulas de comunicação com a maioria das pessoas, tanto crianças quanto adultos, aplicando intuitivamente o paradigma de Gardner (1994), ou seja, a teoria das múltiplas inteligências no acesso ao conhecimento.

Segundo Gardner (apud Moran, 1994, p. 40), o acesso ao conhecimento se processa por intermédio de um sistema de “inteligências”, ou habilidades, interconectadas ou independentes, localizadas em diferentes partes do cérebro humano, e que variam para cada indivíduo e cultura. Dentre as “inteligências”, ou habilidades, temos: a lingüística, a lógico-matemática, a espacial, a cinestésico-corporal, a interpessoal e a intrapessoal.

As mídias combinam a dimensão espacial com a cinestésica, estabelecendo um ritmo que se torna cada vez mais veloz. Ao mesmo tempo, utilizam a

linguagem conceitual, falada e escrita, mais formalizada e racional. “Imagem palavra e música se integram dentro de um contexto comunicacional afetivo, de forte impacto emocional, que facilita e predispõe a conhecer mais favoravelmente” (Moran, 1994, p. 43-4).

Ainda segundo Moran, deve-se

“Apoiar a introdução das novas tecnologias de comunicação possíveis em cada etapa. As tecnologias, dentro de um projeto pedagógico inovador, facilitam o processo de ensino-aprendizagem: Sensibilizam para novos assuntos, trazem informações novas, diminuem a rotina, nos ligam com o mundo, com as outras escolas, aumentam a interação (redes eletrônicas), permitem a personalização (adaptação do trabalho ao ritmo de cada aluno) e se comunicam facilmente com o aluno, porque trazem para a sala de aula as linguagens e meios de comunicação do dia-a-dia.” (1994, p.48)

As imagens e os sons nos atingem por caminhos diferentes, simultaneamente. Para quem compreende o mundo de forma mais racional, como muitos adultos, é por intermédio principalmente da televisão que se capta a lógica da narrativa, principalmente a do texto falado-escrito. Para a maioria das crianças, dos jovens e daqueles que são mais sensíveis ao concreto, ao analógico, a forma de contar proposta pelas imagens e pela música funciona melhor, porém tanto a lógica racional quanto a analógica recebem um apoio contínuo da lógica sensorial-emocional. A televisão toca-nos, atinge-nos afetivamente, estabelecendo a relação imagem-palavra-música, despertando emoções imediatas que orientam a compreensão da realidade no nível analógico e/ou conceitual, uma vez que ela instaura uma conexão aparentemente lógica entre mostrar e demonstrar, isto é, se ela mostra é porque está comprovando o que apresenta aos telespectadores. Mostrar é tomado como sinônimo de demonstrar, provar, comprovar. Ao mesmo tempo, não mostrar equivale a não existir, a não acontecer. O que não se vê não existe. Um fato mostrado com imagens e palavras tem mais força do que um outro apresentado somente por meio da palavra. Muitas situações importantes do cotidiano perdem a força, por não terem sido valorizadas pela imagem-palavra televisiva.

Diante dessas constatações, torna-se necessário desenvolver processos de comunicação ricos, interativos e cada vez mais profundos no âmbito

educacional; é preciso abrir as escolas para o mundo, para a vida, criando ambientes de ensino-aprendizagem mais atraentes, envolventes e multisensoriais. A educação deve valorizar a expansão de ambientes agradáveis para o processo ensino-aprendizagem, considerando que o contato com ambientes visuais e sonoros atraentes facilita a disposição humana para desempenhar as várias atividades relacionadas com o conhecimento, abrindo caminhos preceptivos e intuitivos. Por exemplo: a cada dia a música ganha importância maior no cotidiano das empresas, do campo e até na produtividade dos animais.

Segundo Demo, “uma das conquistas de teleducação atual é o reconhecimento de que o professor é fator intrínseco da aprendizagem do aluno” (1996, p. 54). Não é necessário que o aluno esteja o tempo todo com o professor, mas o contato constante com ele é condição para o acesso ao conhecimento proporcionado pelo vídeo e pela TV, afinal o significado daquilo que se vê e ouve nos meios de comunicação supracitados não é linear e não proporciona ao espectador uma conclusão inequívoca. Assim, a presença do professor como mediador é essencial para que se enxerguem as várias possibilidades significativas das imagens e dos sons.

O professor passa a ser um animador da inteligência coletiva dos grupos. Sua atividade está centrada no acompanhamento e na gestão dos aprendizados, passando a compartilhar os recursos materiais e informacionais de que dispõe. Dessa forma, o sistema informatizado proporcionará uma troca de saberes, visto que os professores poderão aprender ao mesmo tempo que os alunos, atualizando continuamente tanto seus saberes disciplinares quanto suas competências pedagógicas. Para tanto, a competência do professor deve se deslocar em direção à provocação rumo ao aprendizado e à reflexão.

Considerando que até os anos 60, a maior parte dos saberes úteis era perene e que a situação mudou consideravelmente, o professor de hoje precisa preparar seus alunos para aprender a aprender, desenvolvendo neles o senso crítico e o aspecto criativo. O profissional de educação precisa atualizar-se constantemente e saber usar os recursos oferecidos pela tecnologia, pois atualmente o trabalho não se restringe a uma mera repetição de tarefas, mas

abrange atividades complexas nas quais a transação de informações e de conhecimentos é corriqueira. Porém, para que a tecnologia tenha papel significativo no processo aprendizagem é preciso que seja inserida num processo de construção do conhecimento.

Para Ferrés,

“...a escola é considerada como um espaço privilegiado para a educação das novas gerações de cidadãos. Hoje a televisão tornou-se o instrumento privilegiado de penetração cultural, de socialização, de formação de consciências, de transmissão de ideologias e valores, de colonização. Por isso é surpreendente que a instituição escolar não tenha somente deixado que essa hegemonia na educação lhe fosse usurpada, mas que ainda assista, impassível, ao processo de penetração da cultura audiovisual, sem oferecer sequer modelos de interpretação e de análise crítica para as novas gerações.” (1996, p. 10)

Nesse contexto, comprova-se que a educação vai além da escola, ampliando seus espaços para o conhecimento e para a comunidade, que avançam impulsionados pelas novas tecnologias. É preciso explorar as tecnologias da informação nas suas diversas possibilidades; é preciso aprender a utilizar os novos instrumentos para a melhoria da qualidade educacional do País. Para Lucena, “o processo de informatização da sociedade brasileira é irreversível e que se a escola também não se informar, correrá o risco de não ser mais compreendida pelas novas gerações”.(1999, p.1).

É necessário, portanto, preparar um corpo docente que saiba utilizar adequadamente a tecnologia, de modo que se estimule a aprendizagem dos alunos. Porém, para que isso ocorra é necessário que esse corpo aprenda a aprender através dos meios tecnológicos existentes. A aprendizagem é mais do que uma simples acumulação de conhecimentos e conteúdos, ou seja, ela ultrapassa o processo de memorização, visto que nela está presente o desafio de uma renovação constante.

Para haver aprendizagem, alguns elementos são necessários: a vontade de cada indivíduo para aprender; a presença do professor como estimulador e animador da aprendizagem; a utilização dos meios eletrônicos como meio e não como fim da educação, pois esses meios são apenas veículos de informação e não modelos de educação.

A motivação não substitui o esforço individual rumo à aprendizagem; é necessário a busca de um equilíbrio entre a seriedade e a motivação da aprendizagem. O novo professor passa de repassador de conteúdos para professor instigador e motivador. O educador que não procura se atualizar está ultrapassado. É preciso, portanto, aprender a aprender de outras formas. É nesse momento que os meios tecnológicos podem servir como apoio ao professor

De acordo com Moran (1994, p. 39), o conhecimento não é fragmentado, mas interdependente, interligado, intersensorial, o que nos leva a concluir que o conhecimento se interioriza no ser humano de forma total e não em partes, como é apresentado no ensino tradicional. As diversas mídias, por sua vez, podem proporcionar essa totalização do conhecimento, uma vez que conseguem atingir todas as dimensões da realidade. Portanto,

“O conhecimento não pode ser reduzido unicamente ao racional. Conhecer significa compreender todas as dimensões da realidade, captar e expressar essa totalidade de forma cada vez mais ampla e integral. Entendo a educação como um processo de desenvolvimento global da consciência e da comunicação (do educador e do educando), integrando, dentro de uma visão de totalidade, os vários níveis de conhecimento e de expressão: o sensorial, o intuitivo, o afetivo, o racional e transcendental (a integração com o universo).” (Moran, 1994, p. 39)

Podemos concluir que a inclusão das tecnologias na educação deve ser vista como prioridade não só dos órgãos governamentais federais, mas também das prefeituras, das escolas, dos professores, de toda a sociedade. O acesso pleno às tecnologias, sobretudo às redes, pela maior parte das pessoas, pode garantir melhores condições não apenas de lidar com a nova realidade do mundo do trabalho, mas principalmente de produção e de acesso ao conhecimento, de posicionamento crítico diante da realidade. Torna-se urgente a implantação de uma política educacional preocupada com a integração dos setores excluídos da sociedade para uma alfabetização plena, que inclua o conhecimento e a utilização das tecnologias de comunicação e o acesso à informação no meio educacional.

Essa tecnologia adquiriu um papel mais importante devido a grande contribuição que vem destacando na utilização como educação a distância no mundo todo e no Brasil conforme abordado nas próximas subseções.

2.2 Percursos da Educação a Distância no Mundo

A prática da educação a distância como forma de educação continuada tem sido um recurso inestimável para a solução de alguns dos problemas da humanidade

Nas últimas décadas, presenciamos uma transformação radical nas culturas humanas. Sobre a superfície do planeta, mudanças acontecem diariamente. Envoltas e imersas nessas mudanças, as culturas nacionais fundem-se lentamente em uma cultura globalizada e cibernética.

Junto a essa cultura globalizada, surgem novas necessidades humanas, e a educação a distância aparece como uma significativa possibilidade de solução na transmissão do conhecimento a pessoas distantes física e geograficamente.

A comunicação educativa, com o objetivo de propiciar a aprendizagem a essas pessoas, encontra suas origens no intercâmbio de mensagens escritas. Sua gênese está nas experiências da educação por correspondência, por rádio e via televisão. Atualmente as mais recentes tecnologias da comunicação colaboram com a expansão da educação.

Quanto ao surgimento da educação a distância, há controvérsias. Segundo Alves,

"A Educação a Distância - EAD, começou no século XV, quando Johannes Guttemberg em Mogúncia, Alemanha, inventou a imprensa, com composição de palavras com caracteres móveis. Com a criação, tornou-se desnecessário ir às escolas para assistir o venerando mestre ler, na frente de seus discípulos, o raro livro copiado." (2000, p.1)

Para Nunes,

"A educação a distância não surgiu no vácuo (Keegan, 1991:11), tem uma longa história de experimentações, sucessos e fracassos. Sua

origem recente, já longe das cartas de Platão e das epístolas de São Paulo, está nas experiências de educação por correspondência iniciadas no final do século XVIII e com largo desenvolvimento a partir de meados do século XIX (chegando aos dias de hoje a utilizar multimeios que vão desde os impressos a simuladores on-line, em redes de computadores, avançando em direção da comunicação instantânea de dados e voz-imagem via satélite ou por cabos de fibra ótica, com aplicação de formas de grande interação entre o aluno e o centro produtor, quer utilizando-se de inteligência artificial-IA, do CD-Interativo ou mesmo da comunicação instantânea com professores e monitores)." (1994, p.7)

Na Grécia antiga e depois em Roma, existia uma rede de comunicação que permitiu o desenvolvimento significativo da correspondência. As cartas comunicando informações sobre o cotidiano pessoal e coletivo, juntaram-se àquelas que transmitiam informações científicas e àquelas que, intencional e deliberadamente, destinavam-se à instrução.

Um marco da educação a distância foi um anúncio publicado na Gazeta de Boston, no dia 20 de março de 1728, pelo professor de taquigrafia Cauleb Philips: "Toda pessoa da região, desejosa de aprender esta arte, pode receber em casa várias lições semanalmente e ser perfeitamente instruída..." (*apud* Landim, 1996, p.18)

Em 1833, um anúncio publicado em jornal da Suécia, já se referia ao ensino por correspondência. Na Inglaterra, em 1840, Isaac Pitman sintetiza os princípios da taquigrafia em cartões postais que trocava com seus alunos.

O século XIX conheceu uma grande expansão da educação a distância. Tendo em vista a enorme quantidade de iniciativas e projetos desenvolvidos, citaremos apenas alguns deles, como segue: em Berlim, em 1856, por iniciativa de Charles Toussain e Gustav Langenscheid, foi criada a primeira escola de línguas por correspondência; em Boston, Anna Eliot Tickor fundou a *Society to Encourage Study at Home*; em 1858, a Universidade de Londres passou a conceder certificados a alunos externos, que recebiam ensino por correspondência; a administração da Universidade de Wisconsin aprovou proposta apresentada pelos professores, para a organização de cursos por correspondência nos serviços de extensão universitária; posteriormente, em 1892, foi criada uma Divisão de Ensino por Correspondência no Departamento de Extensão da Universidade de Chicago, por iniciativa do Reitor William R.

Harper, que já experimentara a utilização da correspondência para preparar docentes de escolas dominicais; em Oxford, por iniciativa de Joseph W. Knipe, capacitaram-se, por correspondência, seis e depois 30 estudantes para o *Certificaded Techer's Examination*; em 1898, em Malmoe (Suécia), Hans Hermond, diretor de uma escola que ministrava cursos de línguas e cursos comerciais, publicou o primeiro curso por correspondência, iniciando os trabalhos do famoso Instituto Hermond.

Já no século XX, em 1922, a *New Zeland Correspondense School* começou suas atividades, com a intenção inicial de atender a crianças isoladas ou com dificuldade de freqüentar as aulas convencionais; realizou-se a primeira Conferência Internacional sobre Educação por correspondência, em Vitória, no Canadá; surgiu na França, o Centro Nacional de Ensino a Distância, um centro público, subordinado ao Ministério da Educação Nacional, que, em princípio, deveria atender, por correspondência, às crianças refugiadas de guerra.

Na década de 1940, diversos países europeus do centro e do leste lançaram-se na modalidade dos estudos por correspondência, sendo que, já naquela época, os avanços técnicos possibilitaram o acesso a outras perspectivas para além do ensino por correspondência. Surgiu na Espanha, o Centro Nacional de Ensino Médio por Rádio e Televisão, que substituiu o Bacharelado Radiofônico, criado anteriormente. Em 1963, surgiu na França, uma modalidade de ensino universitário por rádio, em cinco faculdades de Letras (Paris, Bordeaux, Lille, Nancy e Strasburgo) e na Faculdade de Direito de Paris, para os alunos do curso básico; em 1963, o já referido Centro Nacional de Ensino Médio por Rádio e Televisão da Espanha transformou-se no Instituto Nacional de Ensino Médio à Distância (INEMAD).

Criou-se, na década de 1969, a *British Open University*, instituição pioneira e única do que hoje se entende como educação superior a distância. Seus cursos tiveram início em 1971. Em 1972, surgiu em Madri (Espanha), uma instituição de direito público, a *Universidad Nacional de Educación a Distancia* (UNED).

Observamos, portanto, que no século XX houve uma grande expansão da educação a distância, confirmando, de certo modo, as palavras de William

Harper, escritas em 1886: "Chegará o dia em que o volume da instrução recebida por correspondência será maior do que o transmitido nas aulas de nossas academias e escolas: em que o número dos estudantes por correspondência ultrapassará o dos presenciais." (*Apud* Landim, 1997. p. 4).

Atualmente mais de 80 países, nos cinco continentes, adotam a educação a distância em todos os níveis de ensino, em sistemas formais e não formais de ensino, atendendo a milhões de estudantes.

Ensino por correspondência, teleducação, educação a distância e educação continuada são alguns dos termos utilizados para designar a educação a distância, sendo, por isso, necessário relacionar alguns conceitos cunhados por pesquisadores da área para expressar o que consideram essencial para a compreensão da educação a distância:

Para Landim, "Educação a Distância é a modalidade de ensino-aprendizagem indicada para reduzir as distâncias e os isolamentos geográficos, psicossociológicos, econômicos e culturais." (1997, p. 21)

Segundo Peters,

"Educação/ensino a distância é o método racional de partilhar conhecimento, habilidades e atitudes, através da aplicação da divisão do trabalho e de princípios organizacionais, tanto quanto pelo uso extensivo de meios de comunicação, especialmente para o propósito de reproduzir materiais técnicos de alta qualidade, os quais tornam possível instruir um grande número de estudantes ao mesmo tempo, enquanto esses materiais durarem. É uma forma industrializada de ensinar e aprender." (*apud* Nunes, 1993/1994, p. 10)

Na Revista Educação a Distância INED/CEAD, em edição de 1994, lemos:

"Mais que substituta da educação presencial, a educação à distância, no Brasil, pode ser utilizada como forma complementar de educação, atualizando conceitos e conhecimentos, auxiliando na permanente tomada de consciência dos profissionais sobre os avanços promovidos em suas áreas específicas e principalmente, gerando processos continuados de acesso ao conhecimento acumulado pela humanidade a milhões de cidadãos." (1994, p.18).

No entanto, ainda se confunde teleducação como sendo apenas a educação oferecida via televisão, esquecendo-se de que tele vem do grego, que significa ao longe ou a distância.

A utilização integrada de todos os meios de comunicação eletrônicos e impressos é bastante útil na criação das modalidades de curso necessárias para que se dê um salto qualitativo na educação a distância e continuada. Desse prisma, destacam-se: o aperfeiçoamento dos serviços dos correios, a agilização dos meios de transporte e sobretudo o desenvolvimento tecnológico aplicado ao campo da comunicação e da informação, influência decisiva nos destinos da educação a distância no mundo.

Em vista disso, um notável crescimento quantitativo e qualitativo pode ser observado. Aumenta o número de países, de instituições, de cursos, de alunos e de estudos integrados pela educação a distância. Há uma crescente expansão de novas metodologias e técnicas que, incorporadas à educação, abrem novos horizontes para a utilização da educação a distância, estabelecida como a modalidade educativa capaz de atender aos setores sociais não alcançados pelo ensino presencial. São bons exemplos desse atendimento: a inserção dos trabalhadores adultos que, cumprindo suas jornadas de trabalho, não podem freqüentar a escola tradicional; a inclusão dos residentes em regiões distantes e onde não há escolas convencionais ou, se elas existem, contam com número insuficiente de vagas; as donas de casa impossibilitadas de cumprir os horários letivos; os hospitalizados; os presos; as pessoas que não se encontram na faixa etária para freqüentar a escola, mas que podem e desejam continuar seu processo educativo; os profissionais que buscam qualificação ou requalificação profissional; aqueles que entendem ser necessário uma educação continuada, em face das mudanças tecnológicas e das transformações políticas e sociais.

Atualmente a nova economia exige cada vez mais que os empregos e as atividades tradicionais sejam transformados, substituídos e até mesmo eliminados. Um grande desafio deste momento é tirar partido do avanço tecnológico, a fim de gerar mais e melhores alternativas de trabalho. Para isso, é preciso aprimorar as ferramentas tecnológicas, garantindo que, num curto período de tempo, o trabalhador ultrapasse os limites da qualificação exigida no contexto social contemporâneo.

Isso significa dizer, dentre outras coisas, que os projetos e programas de educação a distância, para desempenhar com eficiência seu papel de qualificação em um curto período de tempo, devem ser claros, objetivos e planejados dentro de uma metodologia que atenda aos princípios propostos para um curso de ensino a distância. Os programas precisam atender às necessidades do indivíduo que busca uma alternativa para seus anseios. Por isso não é somente o fato de um curso utilizar as novas tecnologias ou seguir os novos paradigmas que o fará eficiente; é preciso que sejam consideradas as subjetividades próprias e as situações específicas que envolvem as metas a serem atingidas. Muitos cursos são iniciados com o apoio técnico de uma tecnologia de ponta, desconsiderando que também estão lidando com material humano.

A oferta de um curso a distância deve ser pensada em seus mínimos detalhes, uma vez que a sociedade contemporânea aprende rapidamente a escolher o que quer e o que precisa estudar, reforçando a necessidade do surgimento de propostas que primem pela qualidade, pela continuidade e, acima de tudo, pela responsabilidade. A educação a distância, no mundo todo, adentra as empresas, as escolas e os lares, possibilitando que as pessoas estudem segundo suas disponibilidades e suas possibilidades.

Vale ressaltar que hoje é incontestável o crescimento da oferta e da procura em torno da educação a distância. Portanto, não há como evitá-la. As escolas e os órgãos governamentais precisam disponibilizar recursos humanos e técnicos para que os futuros projetos e programas e mesmo aqueles que já estão em funcionamento, garantam cada vez mais uma capacitação continuada de qualidade, formando cidadãos críticos e criativos, capazes de atender às exigências do atual contexto socioeconômico.

2.3 Educação a Distância no Brasil

A educação a distância no Brasil, bem como em outros países, teve sua evolução histórica marcada pelo surgimento e pela disseminação dos meios de comunicação. Várias experiências foram implementadas, desenvolvendo-se metodologias aplicadas ao ensino por correspondência que, posteriormente, foram fortemente influenciadas pelo surgimento dos meios de comunicação de massa, principalmente o rádio e a televisão, o que deu origem a projetos muito importantes, como o programa da TV Escola, objeto deste trabalho. A teleducação surgiu nas décadas de 1960 e 1970, incorporando o áudio e o videocassete, sem, no entanto, deixar de lado os meios impressos e os materiais escritos que integralmente fazem parte da educação a distância.

Com o intuito de incentivar e fomentar o ensino a distância no Brasil, o governo federal, por meio do Ministério de Educação e Cultura, criou vários órgãos com a função de coordenar e apoiar a educação a distância. Grande parte desses órgãos, ou mudou de nome ou foi extinto.

Muitos projetos e programas tiveram seus momentos de "glória", fazendo parte da história da educação a distância brasileira. Dentre eles, vale destacar: os da Marinha e os do Exército; o Instituto Universal Brasileiro (IUB); os cursos da IOB - Informações Objetiva Publicações Jurídicas; o Projeto Minerva, que foi um dos pioneiros na educação a distância; o Projeto SACI - Sistema Avançado de Comunicações Interdisciplinares, destacando-se como um dos projetos de maior importância com relação à utilização da televisão no Brasil; o EXERN - Experimento Educacional do Rio Grande do Norte, o Sistema de Televisão Educativa (TVE) do Maranhão; a TVE do Ceará; a Telescola da Fundação Padre Anchieta de São Paulo, a Fundação Roquete-Pinto, que também foi chamada de Centro Brasileiro de Televisão Educativa Gilson Amado – uma homenagem a seu fundador, Gilson Amado, um pioneiro na utilização da televisão na área educacional.

As séries produzidas pelo Centro Brasileiro de Televisão Educativa - SINRED, com suporte em materiais impressos, fizeram grande sucesso na década de 1970. As primeiras séries, "João da Silva" e "Conquista", foram as precursoras de muitas outras produzidas e veiculadas pela TVE. A série "João da Silva" foi premiada no Japão.

Várias instituições como o SENAC, a ABT e a Universidade de Brasília (UnB), contam com experiências variadas em educação a distância, o que tem contribuído para a ampliação do acesso ao conhecimento socialmente produzido e mantido, de uma certa forma, a educação a distância vive todos esses anos. A UnB possui uma experiência inovadora e ousada de mais de 20 anos na modalidade educação a distância.

Atualmente uma das instituições que também merece destaque na área de educação a distância, apoiada na utilização de material impresso, vídeo e televisão, é a Fundação Roberto Marinho (FRM). Dentre as várias séries produzidas pela Fundação, destacam-se: a "Menino, quem foi teu mestre?", "Educação para o trânsito" e "Educação para a saúde", séries estas transmitidas pela TVE e TV Globo. A última série produzida pela Fundação Roberto Marinho foi o "Telecurso 2000", considerado como o maior projeto de educação a distância em prática no Brasil e a partir do qual tem sido realizado o projeto Telessalas 2000. Dirigido a cerca de 75 mil trabalhadores brasileiros que, por algum motivo, interromperam seus estudos, o projeto das telessalas foi lançado em 1998 e tem como objetivo a implantação de 3 mil novas salas de aulas distribuídas na Amazônia legal e nos Estados do Rio de Janeiro e de São Paulo. Nessas salas, qualquer pessoa acima de 15 anos pode completar seus estudos e submeter-se aos exames para a obtenção do certificado dos ensinos fundamental e médio, pelo método do ensino a distância.

O Telecurso 2000 tem atualmente 600 telessalas implantadas, sendo 300 em São Paulo e na Amazônia Legal, 180 no Rio de Janeiro, 95 em Manaus, oito em Brasília, 12 em Pernambuco e cinco na Bahia.

Já sabemos que o ensino por correspondência, pelo rádio, pelo videocassete e pela televisão foi o embrião do ensino a distância, no entanto é válido ressaltar que o avanço das tecnologias de comunicação e informação surpreende a todos, graças à velocidade das mudanças implementadas. As tecnologias de comunicação virtual conectam pessoas distantes fisicamente, via Internet, videoconferência e redes de alta velocidade. Assim, as práticas educativas devem cada vez mais combinar cursos presenciais com virtuais: uma parte dos cursos presenciais deve ser feita virtualmente, uma parte dos

cursos a distância deve ser feita de forma presencial ou virtual-presencial, ou seja, devemos nos ver e nos ouvir intercalando períodos de pesquisa individual com outros de pesquisa e comunicação conjunta. Essa prática garantirá um intercâmbio maior de saberes, possibilitando que cada professor colabore, com seus conhecimentos específicos, no processo de construção do conhecimento, em sua totalidade, a distância.

Quanto ao uso de tecnologias de informação e comunicação em educação a distância, citemos como uma das iniciativas notórias, o Laboratório de Ensino a Distância do Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), criado em 1995, oferecendo cursos de pós-graduação - *lato e stricto sensu* – e cursos de extensão em todas as áreas da Engenharia de Produção e áreas afins, atendendo a diversas cidades, com aulas ministradas a distância.

É importante lembrar que as tecnologias da comunicação e informação têm grande influência também no meio comercial. Nessa área de atuação, a educação continuada a distância tem resolvido alguns problemas de grandes empresas quanto à formação de seus trabalhadores. Como exemplo, temos a experiência de formação continuada a distância do Sesi - Serviço Social da Indústria, que oferece programas e projetos voltados para a educação e o aperfeiçoamento de seus funcionários. Os programas envolvem desde a realização de seminários e video-conferências, a publicação de textos especializados, passando por cursos de extensão de 40 horas, especialização com 520 horas e até um mestrado profissionalizante. Dois programas estão em andamento: "Formação de Formadores em Educação de Jovens e Adultos", desenvolvido em parceria com a Universidade de Brasília e Unesco, e "Gestão de Iniciativas Sociais", com a Universidade Federal do Rio de Janeiro. Com uma estrutura modular de currículo, as experiências desenvolvidas destinam-se a atender, a princípio, ao universo de seus 25 mil funcionários lotados em todas as unidades da Federação e, numa etapa posterior, aos empregados de empresas e instituições parceiras. Para a realização dos programas, são utilizadas as mídias convencionais, como material impresso e vídeo, e as novas tecnologias de comunicação e informação.

Outra iniciativa que merece destaque, pelo seu potencial de organização e alavancagem de atividades de educação a distância no País, é o Consórcio Unirede - Universidade Virtual Pública do Brasil. Formalizado em janeiro de 2000, o consórcio é atualmente composto por 62 universidades públicas brasileiras e visa a colocar o *status quo* de ensino a distância nacional em um patamar superior, tanto em qualidade quanto em quantidade de cursos e atividades ofertadas.

Graças à infra-estrutura de telecomunicação disponível e ao avanço alcançado na interconexão por redes de informática, o Brasil já dispõe de tecnologia necessária para fomentar a educação a distância. A vontade política do governo federal reforçou essa prática, e o Ministério da Educação e do Desporto criou, no nível mais elevado de sua hierarquia organizacional, a Secretaria de Educação a Distância. Esta, numa primeira iniciativa, lançou a TV Escola, uma rede de comunicação por canal exclusivo de satélite, que já atinge mais de 56 mil unidades escolares em todo o território nacional, com 12 horas de transmissão diária. Por intermédio da TV Escola, o governo federal assegura o cumprimento de seu compromisso de valorização do professor, desenvolvendo atividades de formação em múltiplas linguagens, diversificando os espaços educacionais e ampliando os domínios do conhecimento. Cumpre também sua meta de elevar significativamente a qualidade da educação brasileira.

2.4 Contribuições da legislação brasileira para a Educação a Distância

Várias legislações foram elaboradas visando à criação e à viabilização de órgãos e programas de apoio ao desenvolvimento da educação a distância no Brasil.

Apesar do ensino a distância ser regulamentado em lei somente a partir de 1996, mediante a Lei 9.394, o governo brasileiro, por intermédio do MEC, já em

1992 tomava as primeiras providências para fomentar o ensino a distância. Nesse período foi lançada uma das primeiras ações, a criação do Programa TV Escola, que pode ser considerado o embrião do ensino a distância mediatizado pelo vídeo e pela televisão no País. Dentre as primeiras medidas concretas para a formulação de uma política nacional de ensino a distância, foram estabelecidas as primeiras normatizações: em 1992 criou-se a Coordenadoria Nacional de Educação a Distância e em 1993, com o apoio do Ministério das Comunicações (MC), criou-se, mediante o decreto n.º 1.237, de 06/09/94, o Sistema Nacional de Educação a Distância;

Visando ao desenvolvimento de um sistema nacional de EAD, vários convênios de cooperação mútua foram firmados, dentre eles:

- o Protocolo de Cooperação n.º 03/93, entre o MEC e o MC, com a participação do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB), do Conselho de Secretários de Educação (CONSED) e da União Nacional de Dirigentes Municipais (UNDIME);
- Convênio n.º 06/93, entre MEC, MC e Embratel, com a participação do Ministério da Ciência e Tecnologia (MCT), do Ministério da Indústria e Comércio (Minc), CRUB, CONSED e UNDIME, para garantir a viabilização do EAD;
- Acordo de Cooperação Técnica 04/93, firmado entre o MEC e a UnB, para a coordenação de um Consórcio Interuniversitário, com a finalidade de oferecer suporte científico e técnico para a educação básica, utilizando os recursos da educação continuada e da educação a distância;
- mediante a Resolução n.º 15, 06/06/95, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) instituiu o Programa de Apoio Tecnológico (PAT) às escolas das redes estadual e municipal do ensino fundamental;
- a Instrução n.º 01, 12/06/95, regulamentou a operacionalização do Programa de Apoio Tecnológico, visando atender às escolas com pelo menos 250 alunos

Ainda em 1995, criou-se, em nível federal, o programa Um Salto para o Futuro, estabelecendo em cada unidade federada, uma Coordenadoria de

Educação a Distância vinculada à Secretaria Estadual de Educação, encarregada da utilização de programas de ensino a distância.

Visando atender às necessidades de complementação e expansão do acesso das escolas públicas ao Programa de Educação à Distância por meio da TV Escola, em 19 de março de 1996, por intermédio da Resolução n.º 26, prorrogou-se a vigência das Resoluções n.º 01/95 e 15/95 para até 31 de dezembro de 1996. Essa medida também garantiu a operacionalização do PAT para escolas com mais de 100 alunos.

A educação a distância no Brasil foi normatizada pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - a Lei n.º 9394, de 20/12/96 -, pelo Decreto n.º 2494, de 10/02/98, publicado no Diário Oficial da União de 11/02/98, e pela Portaria Ministerial n.º 301, 07/04/98, publicada no D.O.U. de 09/04/98.

A lei supracitada atribui a cada município e, supletivamente, aos Estados e à União, a incumbência de “realizar programas de formação para todos os professores em exercício, utilizando para isso também os recursos da educação a distância” (Art 87, parágrafo 3º, inciso III), de tal modo que até o fim da chamada Década da Educação (em 2006), somente sejam admitidos “professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço” (Art 4º da LDB).

Embora a lei determine que a formação desses profissionais se dê em nível superior, no caso das séries iniciais do ensino fundamental, a LDB admite como patamar mínimo a habilitação em Magistério do nível médio.

Dessa perspectiva, a implantação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF) pelos Estados e municípios gerou a necessidade de habilitação dos professores sem a formação mínima exigida por lei, requerendo por parte dos dirigentes iniciativas no sentido do cumprimento desse dispositivo. A direção da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME) e do Conselho Nacional dos Secretários de Educação (CONSED), na busca de parceiros, encontrou na Secretaria de Educação a Distância (SEED) o apoio necessário à implantação de um programa adequado à formação dos professores em exercício, que pudesse ser implementado dentro de princípios

de qualidade. Nasceu dessa iniciativa o Programa de Formação de Professores em exercício (Proformação).

Quanto ao atendimento a distância também nos cursos superiores, surgiu o Curso Normal Superior – Habilitação em Magistério nos anos iniciais do Ensino Fundamental, destinado à formação em exercício de professores da rede pública de ensino. São objetivos desse curso: desenvolver posturas éticas e críticas que ofereçam aos alunos chances de trabalhar, interagindo como sujeitos conscientes do seu papel na construção da História; formar profissionais para o Magistério dos anos iniciais do ensino fundamental, capazes de repensar a educação com espírito crítico; desenvolver habilidades técnico-pedagógicas e sociopolíticas para o exercício competente de sua profissão e como formadores de opinião; propiciar a oferta de referenciais teóricos básicos que instrumentalizem o indivíduo para atuar de forma criativa em situações diversas; oportunizar o ensino e a pesquisa articulados com as demandas sociais, para a definição de seus próprios caminhos e a resignificação de suas práticas.

Em conformidade com o Art. 2º do Decreto n.º 2494/98,

"os cursos a distância que conferem certificado ou diploma de conclusão do ensino fundamental para jovens e adultos, do ensino médio, da educação profissional e de graduação serão oferecidos por instituições públicas ou privadas especificamente credenciadas para esse fim."

Observamos a preocupação das autoridades federais, estaduais e municipais em regulamentar o ensino a distância. Porém, algumas indagações são necessárias: a legislação atende às expectativas dos cidadãos? Que adequações são necessárias para atender às grandes mudanças atualmente ocorridas? Será que os professores são valorizados pelo desempenho de suas atividades? Que tipo de incentivo o professor tem para transformase nesse "novo professor" que as teorias tanto defendem? Será que os órgãos governamentais em todas suas esferas cumprem sua parte no desempenho e no acompanhamento dos programas sob sua jurisdição?

2.5 TV Escola – criação, objetivos, abrangências

Com o objetivo de melhorar a qualidade do ensino na escola pública por meio do ensino a distância, com programas de aperfeiçoamento para os professores, o MEC lançou, em 04 de setembro de 1995, o Programa TV Escola, que passou a operar definitivamente a partir de 04 de março de 1996. Este programa está voltado para a capacitação e a valorização de professores dos ensinos fundamental e médio da rede pública.

Num primeiro momento, o programa atendeu às escolas das redes pública estadual e municipal com mais de 250 alunos no ensino fundamental. Porém, dois meses depois de implantado o programa, esse número foi reduzido para 100 alunos. Para facultar às escolas de todo o território o acesso aos programas transmitidos pelo canal do MEC, é fornecido um “kit tecnológico”, composto por: um televisor em cores, de 20 polegadas e com controle remoto; videocassete de quatro cabeças, bivolt; estabilizador de voltagem 2 KVA e fitas VHS de 120 minutos. Além disso, há um receptor, com controle remoto, e antena parabólica vazada do tipo Focal Point, com 2,85m de diâmetro, material este adquirido com recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), repassados às Secretarias Estaduais ou Municipais de Educação.

Visando garantir que as escolas gravem os programas, a TV Escola transmite 12 horas de programação diária para todo país, captada por uma antena parabólica através do satélite Brasilsat. Os programas são reunidos em blocos temáticos que compõem de duas a três horas de cada horário de transmissão diária: das 8 às 11horas, das 11 às 14horas, das 14 às 17horas e das 17h às 20horas, sendo que o horário das 19 às 20horas é destinado ao programa Salto para o Futuro.

A Secretaria de Educação a Distância, observando que os materiais impressos são recursos altamente motivadores para o uso do Programa TV Escola, desenvolveu a Revista TV Escola, o Guia de Programação, os Cadernos da TV escola e a Grade da Programação. O Guia de Programação tem o objetivo de facilitar a consulta e o uso dos vídeos transmitidos pelo TV

Escola. Os cadernos da TV Escola têm como objetivo aprofundar os temas apresentados, enriquecendo o processo de aprendizagem proposto pela programação e estimulando o professor a se apropriar de diferentes fontes de informação. São apresentados em forma de apostilas e servem de apoio ao trabalho com os vídeos destinados à capacitação dos professores, contando com 96 páginas que trazem indicações de diversos vídeos.

Outro material impresso de grande importância é o cartaz com a grade da programação, que é distribuído para todas as escolas das redes estadual e municipal e vem encartado na Revista TV Escola. Ele traz informações sobre os dias, os horários e o tempo de duração dos programas, contribuindo para que as escolas se organizem para as gravações dos vídeos escolhidos.

Quanto à Revista TV Escola, ela é distribuída bimestralmente para as escolas integradas ao programa. A Revista divulga diversas experiências de ensino com a TV Escola; fornece um encarte com a grade da programação bimestral; possui uma seção de cartas; traz comentários sobre os destaques da programação do período; publica entrevistas com grandes conhecedores da educação a distância, além de outras matérias interessantes para os professores. Com isso, a Revista desenvolve uma discussão pedagógica e também divulga a política educacional do governo federal.

Na seção de cartas da Revista TV Escola, há importantes depoimentos de pessoas que fazem uso dos programas, o que comprova a abrangência dos programas em diversas regiões espalhadas geograficamente. O número 20 da Revista, de agosto/setembro de 2000, traz o relato da diretora da Escola Estadual São Luiz de Porto Velho (RO), no qual ela afirma que:

“... nossa videoteca faz um trabalho muito gratificante com professores, alunos e comunidade. Desde 1998, nossas aulas são mais motivadas, com a participação da TV Escola. Os professores assistem às fitas de vídeo e a partir daí preparam seus planejamentos ou projetos pedagógicos para as aulas que são interdisciplinares. Fazemos também atividades com os pais dos alunos, principalmente em saúde. A comunidade utiliza os vídeos para pesquisas e motivação de palestras educacionais.” (2000, p. 5)

Consideramos essa seção bastante relevante, pois, por intermédio dela, conhecemos como é a utilização dos programas da TV Escola em outras

localidades. Nessa mesma seção, podemos observar que as correspondências são enviadas por diversos segmentos da sociedade: diretores, professores, coordenadores pedagógicos, secretários de educação, alunos, estudantes de graduação e pós-graduação, técnicos de aparelhos, bibliotecários, etc.

A maioria das cartas expressa a satisfação por parte dos usuários dos programas, mas há também aqueles que deixam claro que nem tudo está resolvido e que ainda há adaptações e melhorias a serem feitas, tanto na divulgação da programação quanto no que se refere às dificuldades de gravação dos programas, aos atrasos na entrega da grade de programação e da Revista. Na Revista n.º 13, de outubro/novembro de 1998, um professor de Presidente Epitácio (SP) declara:

“... não sei por que cargas d’água a gente tem recebido a programação com atraso, tanto com relação ao cartaz de programação, como da própria revista. Para se ter uma idéia, hoje é 12 de agosto e a revista com a programação agosto/setembro ainda não nos chegou às mãos. Curiosamente, porém, recebemos hoje a revista alusiva aos 02 anos da TV Escola, mas não tem a programação ...” (1998, p. 4)

Na Revista n.º 22, de março/abril de 2001, um professor de Caicó-RN reclama:

“Gostaria que as pequenas cidades, principalmente Caicó, dessem mais ênfase ao uso da TV Escola; que alguns problemas técnicos, como falha nos equipamentos, fossem consertados mais rapidamente e que um professor fosse liberado apenas para esse fim”. (2001, p.5)

Transcrevemos, a seguir, a resposta endereçada pela Revista a esse professor, por meio da própria edição n.º 22, esclarecendo que cada município responde, em sua jurisdição, pela coordenação, pelo acompanhamento e pela avaliação dos trabalhos referentes ao programa TV escola, bem como pela captação e pela otimização dos recursos materiais e financeiros, viabilizando a infra-estrutura necessária para o funcionamento do programa:

“... não podemos infelizmente, reparar equipamentos. Cabe à escola fazer isso, recorrendo a técnico autorizado, de preferência da empresa da qual foram comprados os kits. Não podemos também determinar que um professor seja liberado para trabalhar só com a TV – isto depende da escola e da política de recursos humanos dos Estados e Municípios.

As Secretarias de Educação podem ajudar. As estaduais têm, inclusive, profissionais que cumprem a função de coordenadores de educação a distância, a maioria atuando também como coordenadores da TV Escola. Eles têm feito um bom trabalho em favor do programa e das escolas”. (2001, p.)

Ao programa TV Escola é atribuído o papel de ser um dos principais instrumentos de melhoria da qualidade de ensino, possibilitando a redução das taxas de repetências e de evasão escolar. O programa TV Escola tem o objetivo de proporcionar mais um recurso de apoio, para uso em sala de aula, de forma que auxilie os professores na promoção do sucesso de seus alunos, permitindo-lhes que aprendam a aprender com prazer e entusiasmo, bem como atuar na formação continuada dos professores do ensino fundamental. Porém, observa-se desde seu início, uma grande adesão por parte dos professores do ensino médio, o que provavelmente instigou a extensão da programação também para o ensino médio.

Os programas dirigidos ao ensino médio entraram no ar a partir de outubro de 1999, com os mesmos objetivos dedicados ao ensino fundamental: capacitar e atualizar o professor da rede pública. É uma hora diária de programação, sendo duas de reprise.

Apesar da programação dedicada ao ensino médio só ser oferecida a partir de outubro de 1999, as reivindicações por ela já estão registradas na Revista TV Escola de maio/junho de 1998. Nesse número da Revista, uma professora de Nova Resende (MG) afirma: “... Quero saber se existe um departamento que possa editar matérias filmadas de Filosofia Geral e Sociologia Geral no 2º Grau.” (1998, p. 5)

Vale destacar que apesar dos programas da TV Escola terem como objetivo principal a formação continuada de professores e a sua utilização como recurso didático em sala de aula, apresentam também outros temas relevantes, como é o caso dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), que a partir de 1997 passaram a estabelecer os eixos temáticos orientadores da programação, buscando também analisar a televisão e as linguagens de criação e transmissão do conhecimento.

Outro fator relevante é a constante preocupação dos responsáveis pela implementação dos programas em rever a qualidade do material escrito, buscando oferecer um produto de qualidade. Na Revista n.º 22, de março/abril de 2001, na seção “E tem Mais”, consta que já está pronto e será em breve distribuído às escolas o novo guia de programas da TV escola, publicado pela SEED/MEC. A obra apresenta uma relação de quase 4.000 programas transmitidos no período de 1999-2000, correspondente aos cinco anos de existência da TV escola. O novo guia também trará outras mudanças significativas, com o intuito de melhorar a qualidade da informação, permitindo aos professores uma consulta sistemática de tudo que já foi transmitido.

Recentemente a TV Escola lançou um concurso para que se sugerisse o seu *slogan*. Os professores aceitaram o desafio, havendo a participação de 610 sugestões de todo País. O *slogan* foi escolhido de acordo com votação realizada na Secretaria de Educação a Distância e na Redação da Revista TV Escola; a frase vencedora foi sugerida por um professor de Educação Física e surfista das praias de Imbituba (SC) e diz o seguinte: “TV Escola – o canal da educação”.

Considerando que a capacitação de professores em serviço é um dos pré-requisitos fundamentais para a melhoria da qualidade do ensino, exploramos no próximo capítulo dois temas: formação continuada de professores e o papel do Estado brasileiro na busca de alternativas para a questão e a formação continuada em exercício no âmbito do Estado de Mato Grosso do Sul, onde foi implantado um Curso Normal Superior, um programa de formação continuada.

3 FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORES – O PAPEL DO BRASIL NA TENTATIVA DE SOLUÇÕES

“O professor que não estuda sempre não é profissional. Nenhuma profissão se desgasta mais rapidamente do que a de professor, precisamente porque lida com a própria lógica da reconstrução do conhecimento. Contudo, é preciso que o educador perceba que uma das principais condições para o desempenho do seu trabalho nesse início de um novo século é a sua capacidade de entender as mudanças, identificar os problemas e apontar alternativas educacionais que concorram para uma Educação voltada para a construção da cidadania” (Demo, 1998, p.176).

Frente ao pensamento de DEMO (op.cit.) e considerando a importância da capacitação permanente no atual contexto em que vivemos, abordamos neste capítulo a formação continuada, analisando as contribuições do estado brasileiro na busca de alternativas para a questão e a experiência do Curso Normal Superior no Estado de Mato Grosso do Sul.

Sabe-se que é crescente a demanda em manter a população em formação, aperfeiçoamento e atualização profissional permanente. Pensando nisso, o Brasil tem encontrado, por meio da educação a distância, uma maneira de proporcionar aos trabalhadores essa educação continuada sem que seja necessário que eles saiam do trabalho ou de sua rotina diária. Nessa perspectiva, considera-se que a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a lei 9.394/96, estabeleceu um grande avanço quando propôs como fundamentos da formação profissional:

- a associação entre teorias e práticas, inclusive mediante a capacitação em serviço (cf. Art. 61);
- aproveitamento da formação e experiência anteriores em instituições de ensino e outras atividades (cf. Art. 61)
- nível superior como formação mínima para o educador atuar na educação básica (cf. Art. 62);
- programas de formação pedagógica para portadores de diplomas de educação superior que queiram atuar na educação básica (cf. Art. 63, inciso II);

- programas de educação continuada para os profissionais da educação dos diversos níveis (cf. Art. 63, inciso III);
- aperfeiçoamento profissional continuado, inclusive com licenciamento periódico remunerado para esse fim (cf. Art. 67, inciso II);
- progressão funcional baseada na titulação ou habilitação, e na avaliação do desempenho (cf. Art. 67, inciso IV);
- período reservado a estudos, planejamento e avaliação, incluído na carga de trabalho (cf. Art.67, inciso V).

O MEC, em suas Diretrizes Curriculares, ao discorrer sobre as transformações necessárias na educação brasileira, destaca a necessidade de investir na qualificação dos professores, "... capacitando-os para que possam oferecer um ensino de qualidade, ou seja, um ensino relevante e significativo para os alunos. Para isso, é necessário criar mecanismos de formação inicial e continuada" (PCNs, 1998, p.38). É preciso reconhecer que esse ensino de qualidade e o preparo para uma sociedade em transformação passam pela formação do professor, também um trabalhador em constante aperfeiçoamento e capacitação e que deve incorporar as novas teorias do conhecimento. Considerando o grande número de professores que exercem suas funções sem contar com a habilitação mínima exigida para a profissão, o MEC encontrou, por meio do programa TV Escola, uma alternativa de formação continuada aos professores das redes estadual e municipal de ensino.

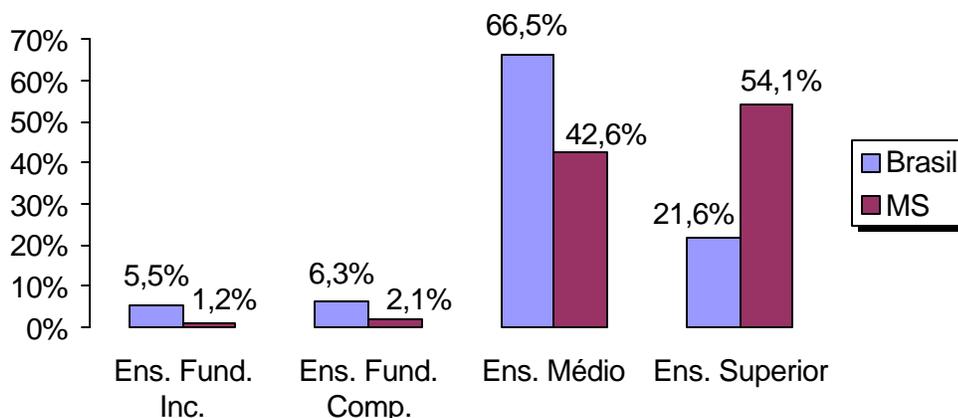
Vale destacar alguns dados do MEC sobre os professores em atuação no Ensino Fundamental e sua formação apresentados na Tabela 1.

Tabela 1 - Número de funções docentes, no Ensino Fundamental – 1ª à 4ª Série, por grau de formação, no Brasil e em Mato Grosso do Sul, em 25/03/98.

Localização	Total	Grau de Formação							
		Ensino Fundamental				Médio Completo		Superior Completo	
		Incompleto		Completo		N.º	%	N.º	%
		N.º	%	N.º	%				
Brasil	798.947	44.335	5,5	50.641	6,3	531.256	66,50	172.715	21,61
MS	10.614	134	1,2	224	2,1	4.510	42,6	5.746	54,1

Fonte: MEC/INEP/SEEC, 1999

Figura 1 - Demonstrativo de formação de professores no Brasil e no Mato Grosso do Sul.



Fonte: MEC/INEP/SEEC, 1999

Organizadora: Eleuza Ferreira Duarte, 2001.

Diante das informações acima referidas, caso se considerem os cursos médio e superior como específicos da formação de professor, tem-se, no Brasil de hoje, apenas 11,89% de professores leigos atuando no Ensino de 1^a. à 4^a. série. Entretanto, se o que se leva em conta são as novas exigências da lei 9.394/96 (cf. Art.87, § 4^o.), trilha-se o caminho rumo a um percentual de 78,39% de profissionais sem a habilitação mínima exigida.

Desta forma, para atender à dimensão continental do País e à defasagem entre os recursos humanos necessários e os disponíveis na Educação Básica e no Ensino Superior, não há como prescindir da modalidade de ensino a distância, com destaque para “sua utilização para a capacitação dos profissionais da educação e a formação e especialização em novas ocupações e profissões” (Lobo, 2000, p.11).

Assim, o MEC formulou e passou a implementar uma política educacional pautada pelo objetivo da valorização do magistério, tentando criar condições para despertar no professor a visão de que se vive em um novo tempo, um tempo de novos paradigmas e de novas idéias, em que as transformações são transmitidas com velocidade, sem que as pessoas consigam assimilá-las plenamente. São transformações que perpassam todos os campos da convivência e do conhecimento humano, político, social, econômico e

tecnológico, e que acontecem de forma cada vez mais acelerada e intensa, atingindo todo o planeta, influenciando as relações entre países, entre as pessoas e propiciando uma nova visão do mundo e das coisas. Isso exige que os trabalhadores de hoje se preocupem em manter-se atualizados em suas qualificações e em desenvolver novas habilidades, encarando o aprendizado como um processo para a vida toda.

Nesse rol de trabalhadores, o professor também está incluído. Ele deve compreender a amplitude das transformações ocorridas e enxergar que sua profissão é uma das mais atingidas por elas, o que exige dele ousadia e confiança em sua competência. O professor de hoje deve rever os modelos aos quais está apegado, reivindicando conhecer os novos modelos, a fim de estabelecer a crítica sobre o que tem diante de si. É preciso também estar disposto a aprender sempre e a se colocar no papel de problematizador de conteúdos e de atividades, ao invés de continuar sendo mero transmissor de conhecimentos; outras competências a serem desenvolvidas são sua capacidade reflexiva, a autonomia e uma postura crítica e cooperativa para realizar mudanças educativas significativas e condizentes com as necessidades atuais. Deve-se reconhecer que os alunos de hoje são diferentes dos de anos atrás, portanto, é necessário acompanhar as mudanças surgidas e proporcionar a eles um ensino voltado para os novos contextos humanos.

A escola e o professor devem sair à busca de novas metodologias de ensino que venham ao encontro dos anseios dos alunos; não é possível deixar que a clientela escolar fique estática diante do mundo e se conforme com o mínimo que a escola tem a lhe proporcionar. Os alunos da escola atual fazem parte de uma sociedade globalizada, vivendo um cotidiano cercado por constantes mudanças, o que os obriga a exigir que a escola também se transforme, tanto no uso de recursos tecnológicos como na elaboração de um currículo pedagógico que possa fornecer-lhes um ensino inovador, atrativo e eficaz.

A escola que busca trabalhar em integração com os meios de comunicação está abrindo novos canais para aprimorar conhecimentos, despertar sensações, atitudes e emoções, ativar a imaginação, auxiliando o aluno a

construir seu projeto pessoal, e que será inserido na coletividade, de forma integral.

Porém, vale ressaltar que o professor necessita estar preparado para usar a tecnologia de modo que realmente contribua para a formação de indivíduos competentes, críticos, conscientes e preparados para a realidade em que vivem, afinal, a tecnologia, por si só, em nada pode contribuir. Quando essa tecnologia caminha ao lado do ensino e em contextos favoráveis, é possível uma maior aprendizagem. E na união entre tecnologia e ensino, o professor é fator primordial, cabendo a ele a condução do processo, na tentativa de implementar atividades que melhorem a qualidade do processo ensino-aprendizagem. É preciso estar atento para perceber que se o aluno só aprende num ambiente de perturbação, às vezes é necessário perturbar para propiciar a eficácia do processo.

Para que o professor desempenhe esse novo papel, é necessário que ele passe em revista a seus paradigmas e desenvolva o domínio das novas tecnologias que adentraram, e adentram, nos meios escolares com uma frequência incontrolada, exigindo que o professor mantêm-se em constante aprendizado.

O estudo permanente ao longo da vida é hoje considerado uma necessidade inerente a todos as pessoas, com particular destaque para os professores. O acesso, a utilização e o domínio das novas tecnologias de informação e de comunicação constituem parâmetros essenciais para quem tem a responsabilidade de ensinar.

Partindo desse ponto de vista, é difícil imaginar que o professor não esteja em processo constante de conhecimento, uma vez que ele também está a todo momento, aprendendo. Cabe a esse profissional procurar ambientes que lhe proporcionem crescimento pessoal, profissional e acima de tudo, facilidades para utilizar os mais variados meios de comunicação.

É muito comum nos depararmos com profissionais que apesar de terem vontade de usar os recursos tecnológicos em suas aulas, não o fazem porque não dominam a tecnologia disponível na escola onde trabalha, algumas vezes porque não dispõem de tempo para tal e outras vezes porque têm medo do

novo; há também os casos em que é mais fácil repetir do que inovar, uma vez que inovar pode significar começar de novo, aprendendo uma nova maneira de fazer.

Outra questão que não pode ser esquecida é que atualmente o aluno está inserido em uma sociedade onde o acesso aos grandes recursos tecnológicos é facilitado e isso o prepara para uma convivência diferenciada. Tanto a escola quanto o professor devem estar atentos para aproveitar essa oportunidade e de forma construtiva e eficiente, inserir os recursos tecnológicos como forma atrativa e dinâmica em suas aulas. Porém, vale ressaltar que o domínio do professor sobre os recursos tecnológicos está aquém das expectativas dos alunos.

A Revista TV Escola de setembro/99 trouxe uma confirmação da situação acima referida: em uma reportagem sobre a entrega de computadores no Núcleo de Tecnologia Educacional (NTE) de Novo Hamburgo (RS), observou-se que onde os computadores já haviam sido instalados, os professores começaram se familiarizar com mouses e teclados, muitas vezes com a ajuda dos alunos, ensaiando os primeiros trabalhos em ambiente informatizado.

É importante que o professor se municiasse desse interesse que domina a maior parte dos jovens e comece a aceitar o novo desafio junto com seus alunos, antes que perca a oportunidade de começar no momento certo e não depois dele.

Antes que se continue, algumas indagações são necessárias: será que o professor foi preparado para este novo papel? Será que ele tem consciência desse novo desafio? O professor é estimulado a transformar-se neste novo professor? Será que ele deseja ser este novo professor? Ou será que ele prefere a acomodação e valorizar costumes arcaicos?

Já se reconhece que mudanças só ocorrerão quando o professor estiver disposto e preparado para formar uma mentalidade nova e compatível, acreditando que é preciso tomar consciência e se posicionar diante e dentro do inexorável e irreversível processo de informatização da sociedade (Lucena, 1999, p. 2).

A inserção dos recursos tecnológicos na sala de aula só faz sentido na medida em que o professor utilizá-los como uma ferramenta de auxílio e motivadora de sua prática pedagógica. Para isso a capacitação de professores na lida com os recursos tecnológicos é de fundamental importância. As escolas, escudadas pelos cursos proporcionados pelos órgãos governamentais, devem propiciar oportunidades para que seus professores tenham condições de participar de atividades de aperfeiçoamento e de capacitação. Afinal, a preparação do professor para utilizar os recursos tecnológicos é tão importante quanto a dotação da escola com esses recursos.

Sabe-se que muitos cursos são oferecidos, mas sabe-se também que na maioria das vezes, o professor não pode freqüentá-los, seja porque esses cursos são ministrados na hora do seu trabalho, seja porque os custos são altos, ou ainda porque o professor não se sente motivado a realizá-los, por razões que se baseiam nos baixos salários recebidos e na falta de recursos materiais permanentes que lhe possibilitem um trabalho em ambiente digno. Há também aquele professor que prefere fazer como inicialmente fazia, não aceitando os riscos de ensinar, dentre eles a admissão do novo (Freire, 1996, p.39).

O professor do novo milênio deve rever suas funções. Ele precisa se transformar em um estimulador da curiosidade do aluno, incentivando-o a conhecer, pesquisar e buscar a informação mais relevante, para num segundo momento, coordenar o processo de apresentação dos resultados pelos alunos e questionar as informações apresentadas, contextualizando-as e tentando adaptá-las à realidade dos alunos.

Vive-se em um mundo onde tudo está se modificando cada vez mais rapidamente: instituições, costumes, modos de trabalhar. Até mesmo os valores se alteram, com a grande concentração das populações nas cidades, com os contatos internacionais e com os intercâmbios entre culturas. Os meios de comunicação e de transporte enriquecem a experiência cotidiana dos cidadãos; as ciências atualizam o conhecimento, e a produção de novas tecnologias multiplica-o em novas aplicações. E enquanto isso, na escola, as gerações, uma após outra, estão sendo preparadas para repetir respostas

conhecidas, que antes funcionavam, mas que hoje, em razão das mudanças, já não respondem satisfatoriamente às situações da vida cotidiana. Ensinar respostas conhecidas já não basta. Os alunos precisam aprender a produzir respostas novas para as condições inesperadas de vida que encontrarão.

Os professores devem trabalhar por uma educação libertadora, tomando como referenciais os modos de pensar, fazer e sentir dos alunos. Esses modos podem ser aperfeiçoados indefinidamente, qualificando os sujeitos no processo educativo. Todos os recursos didáticos são meios para a realização dos objetivos do processo ensino-aprendizagem.

É válido ressaltar a importância do programa Salto para o Futuro, que tem como proposta a formação continuada dos professores dos Ensinos Fundamental e Médio, transmitido ao vivo, de segunda a sexta-feira, das 19 às 20 horas, com reprise no dia seguinte, das 11 às 12 horas e das 15 às 16 horas. É um programa pioneiro de educação a distância, voltado para a formação do professor, demonstrando grande preocupação com o papel do professor nos dias atuais e discutindo que fundamentos e metodologias podem contribuir para sua prática, articulando conteúdos e conceitos de forma interdisciplinar.

O programa tem como objetivo principal possibilitar que professores de todo o País revejam e construam seus respectivos princípios e práticas pedagógicas, mediante o estudo e o intercâmbio, utilizando diferentes mídias – telefone, fax, TV, boletim impresso e computador – no debate de questões relacionadas à prática pedagógica. O programa conta com orientadores educacionais, situados em 800 telepostos distribuídos em todo o território brasileiro. É um programa que além de ser interativo, proporciona a trocar de experiências, idéias e projetos, a fim de garantir uma atividade educativa mais efetiva e criativa.

Por intermédio do Salto para o Futuro, outras atividades que contribuam para a formação do professor são proporcionadas. A *Revista TV Escola* trouxe reportagem sobre uma experiência desenvolvida em Curitiba (PR), pela coordenadora do teleposto daquela cidade: lá são oferecidos cursos do Salto para o Futuro para os telepostos paranaenses, cursos estes organizados pelo

Centro de Treinamento do Magistério do Paraná (Cetepar) a partir de transmissões diretas das séries da TV Escola ou de programas já gravados. Os cursos têm uma carga horária média de 50 horas, com temas específicos, como Educação Infantil, Orientação Sexual, Saúde, Literatura Infantil e PCNs. Assim, a coordenadora estimula os cursistas a buscarem novas formas de pensar, afirmando: “Vamos discutir a pressão da mídia, mas vamos pensar também como os meios de comunicação podem se aliar à escola” (*Revista TV Escola*, n. 18, 2000, p. 30).

Dentre as diversas alternativas de formação de professores, outro importante programa é o Programa de Formação de Professores em Exercício (PROFORMAÇÃO), que surgiu como forma de o governo federal cumprir os prazos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – a lei 9.394/96 –, que em seu Art. 87, § 4º, estabelece que até o fim da Década da Educação (ano 2006), somente sejam admitidos “professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço”. Atribui-se a cada município e, supletivamente, aos Estados e à União, a incumbência de “realizar programas de formação para todos os professores em exercício, utilizando para isso também os recursos da Educação a Distância” (Art 87, § 3º, inciso III). Já a lei 9.424/96, que dispõe sobre o Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (FUNDEF), estabelece um prazo de cinco anos, a contar da sua publicação (o que ocorrerá ao final de 2001), para que todos os professores do Ensino Fundamental tenham no mínimo a habilitação para o Magistério como formação mínima.

O PROFORMAÇÃO é um curso de Magistério em nível médio, dirigido aos professores que, sem a formação específica, encontram-se lecionando nas quatro séries iniciais do Ensino Fundamental e nas classes de alfabetização das redes públicas das regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste. A implantação do Programa teve início, em caráter experimental, em fevereiro de 1999 nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, que abraçaram o programa, criando as condições requeridas para sua execução e, evidentemente, permitindo, a partir de sua execução, a avaliação de produtos e processos e a

identificação de importantes requisitos de qualidade para o processo de expansão. Na ocasião do lançamento do Programa, foram matriculados 1.246 professores.

O curso do Programa na modalidade de ensino a distância, em face das características da população alvo – professores que trabalham e têm dificuldade em freqüentar cursos presenciais –, tem a duração de dois anos, contando com o apoio técnico e financeiro do MEC, por meio da Secretaria de Educação a Distância (SEED) e do Fundo de Fortalecimento da Escola (Fundescola), e a consultoria da Secretaria Fundamental (SEF). O Programa oferece 3.200 horas de cursos, divididas em quatro módulos de 800 horas cada, distribuídas em 20 semanas. Combina conteúdos da base nacional comum do ensino médio, conhecimento das áreas de estudo do Ensino Fundamental, formação pedagógica e prática na própria sala de aula onde o professor cursista trabalha. Os conteúdos são desenvolvidos em aulas presenciais, atividades de estudo individuais e atividades coletivas presenciais orientadas por tutores a cada duas semanas, aos sábados.

Os principais materiais que dão suporte ao curso são: Guia Geral, Guias de Estudo e Cadernos de Verificação, para alunos; Manual de Acompanhamento, Chaves de Correção e vídeos, para tutores. As Agências Formadoras, que servem como centros de formação inicial com capacitação permanente de professores, recebem o material completo do curso e mais outros materiais didáticos distribuídos pelo MEC.

3.1 Estado de Mato Grosso do Sul – Os novos desafios e o Curso Normal Superior

Visando atender à lei 9394/96 em suas disposições transitórias, Art. 87, § 4º, que preconiza que no prazo de dez anos “somente serão admitidos professores habilitados em nível superior...”, a mesma lei estabelece, em seu Art. 87, § 3º:

“... cada Município e, supletivamente, o Estado e a União, deverá: ...

III – realizar programas de capacitação para todos os professores em exercício, utilizando também, para isto, os recursos da educação a distância.”

Considerando a realidade educacional das redes de ensino públicas do Estado de Mato Grosso do Sul, em que o número de professores sem curso superior em pleno exercício de sua profissão é considerável, acreditou-se ser necessário efetivarem-se ações que possibilitassem minimizar tal situação. Assim, o governo do Estado de Mato Grosso do Sul criou o Projeto “Secretaria de Estado de Educação e as Universidades vivendo uma nova lição de gestão compartilhada” e convocou a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), a compor uma parceria com o Estado, tendo em vista a reversão da situação dos professores das redes públicas de ensino. A UEMS, que dentre suas finalidades visa a atenuar as desigualdades regionais de Mato Grosso do Sul, não pôde permanecer alheia à convocação do governo estadual.

Quando se recorre a levantamentos referentes à escola pública em Mato Grosso do Sul, detectados em diagnóstico realizado pela Secretaria de Estado e Educação e Prefeituras Municipais que apresentam dados estatísticos preocupantes (cf. Tabela 2) com relação a professores que atuam na Educação Básica e só possuem o curso de Magistério (nível médio), é preciso que se reflita sobre formas e meios que contribuam para melhorar essa situação.

Tabela 2- Demonstrativo de Professores que Atuam na Educação Básica sem Formação Superior

MUNICÍPIO	Nº DE PROFESSORES
Alto Taquari	182
Baixo Pantanal	068
Bodoquena	161
Campo Grande	757
Cassilândia	047
Dourados	178
Iguatemi	096
Nova Andradina	113
Paranaíba	042
Ponta Porá	198
Três Lagoas	045

Fonte: Projeto Pedagógico do Curso de Graduação Normal Superior/UEMS.

Organizadora: Eleuza Ferreira Duarte, 2001.

Para fazer frente a essas necessidades, o Ensino Superior deve se preocupar com cursos e programas que possibilitem a formação do cidadão para atuar nos processos de transformação social e criar alternativas com potencial para enfrentar as problemáticas que emergem do mundo contemporâneo.

Partindo do princípio de que a Universidade é compreendida como local dinâmico dos saberes, espaço de diálogo, de busca permanente de sintonia com nossos tempos, atenta às mudanças e às renovações, bem como é impulsionada pelas necessidades educacionais da realidade circundante, ela não pode se eximir de seu compromisso com projetos que busquem a melhoria da educação. Considerando essa perspectiva, a UEMS implantou o Curso de Graduação “Normal Superior - Habilitação em Magistério nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental”, destinado à formação, em exercício, de professores da rede pública de ensino, oferecendo, numa primeira etapa, 400 vagas, sendo 50 vagas para cada turma.

Com o oferecimento desse Curso, a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul aposta-se no início de um trabalho que contribuirá para melhorar a realidade didático-pedagógica da educação sul-mato-grossense, democratizando o acesso ao conhecimento.

Considerando ainda a preocupação da Secretaria de Estado de Educação em romper o isolamento social e o distanciamento com as Instituições de Ensino Superior e a própria sociedade, entende-se que o Curso proposto atenderá às demandas de cada região do Estado, detectadas em diagnóstico realizado pela Secretaria de Estado de Educação e pelas Prefeituras Municipais, conforme já demonstrado na Tabela 2, que apresenta dados referentes a professores que atuam na educação básica e só possuem o curso de Magistério.

A criação do Curso pela UEMS, voltado para a formação do professor que atua nas séries iniciais do Ensino Fundamental, abre um vasto campo de pesquisa e de extensão na Universidade, contribuindo assim para uma melhor compreensão da problemática da educação no Estado de Mato Grosso do Sul, viabilizando soluções correspondentes à realidade regional.

Sabe-se que o conhecimento profissional do professor deve construir-se fundamentalmente no curso de formação inicial, ampliando-se, depois, nas ações de formação continuada. Desta forma, reportando-se ao contexto histórico dos cursos de formação de professores, mais especificamente aos Cursos de Pedagogia e de Magistério das séries iniciais, diferentes e consecutivas legislações têm regulamentado a estrutura curricular desses cursos. Esta prática é reveladora da descontinuidade e da indefinição em relação à formação do profissional da educação e tem orientado, através dos anos, os debates, as polêmicas e as discussões dos educadores. A UEMS, no intuito de oferecer à sociedade um profissional capaz de interagir com as finalidades da educação e do ensino neste início de século, propôs a formação desse profissional por intermédio do Curso Normal Superior, conforme previsto na Resolução do CNE CP n.º 1, de 30.09.99, com habilitação em Magistério dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, conforme seu Art. 6º, Incisos I e II, e oferecendo, optativamente, conforme o § 1º do Art. 6º, complementação em uma das seguintes áreas de atuação profissional, com carga horária de 360 horas:

- I – cuidado e educação em creches;
- II – ensino em classes de educação infantil;
- III – atendimento e educação inclusiva de portadores de necessidades educativas especiais;
- IV – educação de comunidades indígenas;
- V – educação de jovens e adultos equivalentes aos anos iniciais do ensino fundamental.

Considerando a possibilidade aberta pela Lei, o Curso Normal Superior, oferecido pela UEMS, foi organizado de forma diferenciada, em regime semi-presencial, concentrando as aulas presenciais nos finais de semana e, nos períodos não presenciais, realizando atendimento ao aluno via telefone, correio, e-mail, entre outros. Cada período de aula é composto de 5 h/a, totalizando 10h /a diárias e 20 h/a a cada encontro

Optou-se por concentrar as aulas presenciais em municípios onde houvesse Unidade de Ensino da UEMS, com vistas a garantir a disponibilidade e

adequação do espaço físico e promover a convivência universitária dos alunos. Foram selecionadas oito Unidades de Ensino: Amambai, Campo Grande, Coxim, Dourados, Jardim, Mundo Novo, Paranaíba, e Ponta Porã.

Com vistas a possibilitar a locomoção dos professores/alunos dos diferentes municípios do Estado para o pólo mais próximo, firmou-se convênio com as prefeituras interessadas, viabilizando, acima de tudo, o acesso dos alunos às aulas presenciais, ficando sob responsabilidade da Prefeitura o transporte, a alimentação dos alunos, bem como a dispensa de suas atividades docentes nos dias de aula presencial, que ocorrerem sempre às sextas-feiras e sábados. A Secretaria de Estado de Educação também firmou convênio com a UEMS visando possibilitar o acesso de professores que freqüentam o Curso Normal Superior e são vinculados à rede estadual.

O Curso Normal Superior comprometido com a educação, insere-se no debate da sociedade para poder refletir, adequadamente, sobre os problemas específicos da região, enquanto conseqüência de um movimento social maior, no qual se encontra inserida, entendendo-se ser necessário tratar da produção pedagógica vinculada à educação como prática dos homens, isto é, um conteúdo pedagógico determinado pelo conteúdo social.

As considerações acima delineadas levam à definição dos seguintes princípios que atendem a uma abordagem pluralista da educação, partindo da interdisciplinaridade implícita ao processo educativo:

Princípio sócio-histórico do conhecimento: Entendendo o conhecimento como um produto da construção histórica do ser humano, que nas suas interações o constrói e reconstrói conforme suas necessidades.

- Princípio da compreensão do multiculturalismo: Formador da sociedade brasileira. A pluralidade das etnias existentes, que dá origem a diferentes modos de organização da vida, valores e crenças, apresenta-se para a educação como um desafio interessante e contribuidor, de forma que é impossível desconhecê-lo ou ignorá-lo.

- Princípio da compreensão da pesquisa como processo educativo: Enquanto fio condutor e elemento aglutinador dos demais componentes curriculares, constituindo-se em elaboração pessoal articulando teoria / prática.

- Princípio da compreensão de transversalidade e interdisciplinaridade: entendidas como elementos necessários do carácter vinculado do conhecimento das diversas áreas, construídas a partir de um social que as produziram.

- Princípio de uma concepção de sociedade com maior justiça social: O que pressupõe melhor qualidade de vida. Entendimento de que torna-se necessário rever as formas de pensar e atuar sobre a realidade que não se apresenta de modo linear, num *continuum* de causa e efeito, mas de modo plural, numa multiplicidade e complexidade.

- Princípio da compreensão da sabedoria da prática: Como guia, fornecedor racionalização reflexiva para a atuação dos professores. Estes saberes são específicos e desenvolvidos pelos próprios professores, fundados no seu trabalho cotidiano e no conhecimento de seu meio, que brotam da experiência e são por ela validados.

A principal característica do novo cenário social que se vislumbra no mundo é a fabulosa velocidade da disseminação da informação, que embora não seja produzida só e necessariamente pela Universidade, é dela que se originam os técnicos, os pesquisadores, os educadores que integram as instituições e o mercado.

A finalidade do Curso Normal Superior é a formação do profissional que seja capaz de estabelecer atitude questionadora, crítica e equilibrada no exercício da cidadania, educando pela pesquisa, cultivando o conhecimento, não só como fonte central de mudanças contemporâneas mas, principalmente humanizando-o sem perder de vista a perspectiva ética, propiciando a ressignificação de formas de atuação docente coerentes com o papel atribuído à educação e ao conhecimento do mundo de hoje, assumindo, assim, seu compromisso histórico. Portanto, o profissional egresso do curso Normal Superior será o professor capaz de refletir sobre sua própria prática pedagógica, garantindo um ensino de qualidade, de acordo com os ideais da sociedade sul-matogrossense.

A característica do curso propõe uma nova maneira de se fazer educação, uma concepção e uma prática de ruptura com as formas tradicionais de se

ensinar na Universidade, uma ruptura epistemológica. Esta modalidade oferece uma relação pedagógica diferente, pois o professor deixa de ser o eixo, o ponto estratégico da relação, conforme afirma Preti Arruda:

“Ele continuará professando o seu crédito via o material didático que irá produzir numa postura dialógica com o interlocutor. E o estudante, o outro parceiro do diálogo, da interlocução, será convidado a abandonar a postura passiva, para conduzir sua própria formação. Passa a ser o centro de todo o processo de aprendizagem” (apud, UEMS, 2000).

Desta forma, há um movimento interativo dialético, uma comunicação bidirecional, pois acredita-se na autonomia, na capacidade do estudante aprender por si mesmo, porque trata-se de um estudante adulto, profissional ativo e que não deverá senti-se “sozinho, isolado”, o que exige um currículo denso, aberto à dinâmica social e que enfatize o saber, o conhecimento que o aluno possui, um currículo flexível, que permita ressignificações, inclusão ou eliminação de atividades durante o processo, por tratar-se de um currículo com caráter dialógico, tendo a pesquisa e a prática pedagógica como aglutinadoras dos diferentes componentes (disciplinas, seminários, eixos temáticos...).

O saber e o conhecimento humano no mundo globalizado, parecem perder muito de sua função de busca de sentido para a vida, justificada pela incessante competição que se associa ao poder econômico e pela convivência com uma brutal exclusão social. Apesar da uma pretensa hegemonia, a globalização da sociedade não elimina a cultura regional; os grupos cultivam identidades próprias; as realidades se alimentam do local, do diferente. Faz-se necessário a instituição de um mundo da diversidade, da pluralidade de culturas e da necessidade de múltiplos olhares sobre a realidade social e sobretudo sobre a educação.

Sabe-se que o papel da Universidade relacionado à formação profissional necessita de uma redefinição que lhe possibilite acompanhar as transformações sociais e que defina os contornos do exercício profissional contemporâneo, entendendo a formação do professor como tarefa que se realiza ao mesmo tempo em que acontecem as inovações. Neste contexto, o Curso Normal Superior vem ao encontro dessas demandas, pois sua

decorrência natural parece ser a abordagem de um modo que enseje ao profissional a capacidade de investigação e de aprendizado da aprendizagem.

Deve-se concordar com Demo quando ele afirma:

“A didática do aprender a aprender é hoje a competência própria do educador moderno, de quem se espera principalmente que consiga motivar o aluno para o mesmo desafio. O aluno não comparece apenas para aprender (decorar, memorizar, copiar, fazer provas, colar), mas sobretudo e essencialmente para aprender a aprender. Deve poder construir a atitude de pesquisa e a capacidade de elaboração própria” (1998, p. 217).

Como podemos observar a formação continuada é atualmente uma necessidade em todas as áreas do conhecimento, com especial destaque para a educação. Sabemos que o antigo paradigma de ensino não atende mais as exigências do novo perfil de profissional que o mercado de trabalho requer. Face ao grande destaque do Programa TV Escola como alternativa para contribuir na capacitação permanente dos professores da rede pública e na sua utilização como recurso didático em sala de aula, analisamos no próximo capítulo o uso do Programa TV escola nas escolas da rede municipal de ensino de Dourados-MS destacando a Metodologia e Análise dos dados coletados na pesquisa.

4. METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

Nos capítulos dois e três, dedicamo-nos à revisão da bibliografia para a fundamentação deste trabalho. Antes de proceder à descrição e à discussão dos dados, é importante tecer algumas considerações a respeito da metodologia de pesquisa adotada.

Como já referido anteriormente, desenvolvemos este trabalho visando à comprovação da hipótese de que as escolas cadastradas no Programa TV Escola conseguem provocar mudanças positivas na qualidade do ensino por elas oferecido, em face do papel que o Programa desempenha na formação continuada, tanto na capacitação permanente dos professores das redes estadual e municipal de ensino, como em sua utilização como recurso didático em sala de aula. Dando seqüência a nossas considerações sobre o tema, dividimos este capítulo em oito subseções: pesquisa bibliográfica; as escolas e os sujeitos da pesquisa; estimativa da amostra; material utilizado para a coleta dos dados; limitações; descrição dos questionários; as entrevistas e a análise dos dados.

4.1 Pesquisa bibliográfica

Para conhecer melhor o Programa TV Escola, buscamos referências em artigos da Revista TV Escola, em vários materiais impressos distribuídos pelo MEC, tais como, guia de programação, cadernos da TV Escola, grade de programação, e também em documentos governamentais, como leis, decretos e resoluções. Os *sítes* do MEC também serviram como material de consulta. Procuramos ainda assistir às fitas do próprio Programa, o que nos possibilitou analisar a qualidade dos programas e da gravação das fitas às quais tivemos acesso.

4.2 As escolas e os sujeitos da pesquisa

Para compor o *corpus* desta pesquisa, buscamos as escolas da Rede Municipal de Ensino de Dourados que utilizam os programas do TV Escola e dentre elas, selecionamos aquelas que fazem uso freqüente dos programas, a fim de realizar um levantamento que possibilitasse avaliar objetiva, concisa e criticamente o uso do Programa tanto como formação continuada quanto no uso em sala de aula.

Tendo em vista que as escolas da sede urbana do município encontram-se espalhadas por vários bairros, procuramos selecionar estrategicamente escolas tanto da região central quanto dos bairros periféricos de Dourados.

A fim de identificar as escolas selecionadas para a pesquisa, escolhemos nominá-las em ordem alfabética. Sua localização dentro do município de Dourados é reconhecida por cores diferentes, de acordo com a legenda estampada no mapa do município (cf. apresentado no anexo 01).

4.3 Estimativa da amostra

A população estudada constitui-se de 31 escolas da Rede Municipal de Ensino de Dourados localizadas na sede urbana do município. Considerando essa população foram selecionadas 14 escolas o que representa 45% da população. Os professores selecionados para fazer parte da pesquisa foram escolhidos com um mesmo critério: todos utilizam a programação do TV Escola para o estudo individual e em suas aulas.

Distribuímos entre as 14 escolas selecionadas, 02 questionários nas escolas que ministram aulas de 1ª a 4ª série e 04 questionários nas escolas de 1ª a 8ª série. Das escolas selecionadas 06 escolas ministram aulas de 1ª a 4ª série e 08 escolas de 1ª a 8ª série. Dentre os 44 (quarenta e quatro) questionários distribuídos para os professores, 39 (trinta e nove) responderam os questionários. Quanto a coordenação pedagógica distribuímos um

questionário por escola o qual foi respondido pelo coordenador pedagógico que é o responsável pela implementação do TV Escola na Unidade de Ensino.

A pesquisa foi desenvolvida com a participação das seguintes pessoas: 39 (trinta e nove) professores do Ensino Fundamental das escolas municipais selecionadas, 14 (catorze) coordenadores pedagógicos, 01 (um) funcionário da Secretaria Municipal de Educação de Dourados e 02 (dois) funcionários responsáveis pela gravação das fitas.

Neste trabalho, os professores são identificados por intermédio do código da escola mais a numeração de 1 (um) a 4 (quatro), sendo que a numeração corresponde ao número de professores que responderam ao questionário, por escola, e o código da escola refere-se à escola onde está lotado.

4.4 Material utilizado para a coleta dos dados

Para que os objetivos desta pesquisa fossem atingidos, inicialmente fez-se necessário um contato com a Secretaria Municipal de Educação do Município de Dourados, com o intuito de levantar quantas escolas da Rede Municipal de ensino estão cadastradas no Programa TV Escola, bem como sua localização, o número de professores e principalmente se as escolas estão efetivamente fazendo uso dos programas veiculados. Outra providência foi a de solicitar, por meio de ofício, autorização da Direção das escolas para a realização da pesquisa.

Os dados foram coletados por meio de questionários e de entrevistas. Tendo em vista o grande número de professores e coordenadores pedagógicos, elaboramos dois questionários, um para professores (conf. anexo 02) e outro para os coordenadores pedagógicos (conf. anexo 03)

Após a autorização por parte da Direção, contatamos as Coordenações Pedagógicas das escolas, por intermédio das quais encaminhamos a aplicação e o recolhimento dos questionários destinados aos professores. Distribuimos os questionários previamente elaborados e a partir daí, permanecemos em

constante contato com as escolas, objetivando garantir apoio àqueles professores que porventura pudessem ter alguma dúvida quanto ao preenchimento. Também nos preocupamos em garantir que os questionários fossem preenchidos dentro do prazo previsto para a realização da pesquisa. Após o levantamento efetuado via questionário, passamos para a segunda fase da pesquisa, que foram as entrevistas com as pessoas que fazem a gravação dos programas, cujo roteiro está no anexo 04.

Na maioria das escolas, as fitas do Programa TV Escola são gravadas na própria escola; porém, algumas delas ainda utilizam as fitas gravadas no Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos (CDRH) da Secretaria Municipal de Educação. Neste caso, o professor solicita a fita à escola e um funcionário da escola faz a solicitação do empréstimo ao Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos. Se a fita não estiver emprestada, o pedido é atendido de pronto; caso contrário, pode-se levar até três dias para conseguir o empréstimo. Considerando a possibilidade de empréstimo via CDRH, também entrevistamos o responsável pelo órgão.

Uma vez que a Secretaria Municipal de Educação de Dourados é a responsável geral por todas as escolas da Rede Municipal de Ensino, também entrevistamos a Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, que é a pessoa responsável pelo Ensino Fundamental, ligado à Superintendência de Educação e Ensino, cujo roteiro está no anexo 05. Durante a pesquisa, tivemos a oportunidade de acompanhar o entusiasmo que os trabalhadores em Educação têm pelo Programa TV Escola e as diversas maneiras como o Programa pode contribuir no desenvolvimento de atividades no âmbito escolar.

Por outro lado, também pudemos detectar as inúmeras dificuldades que as pessoas enfrentam para gravar diariamente os programas veiculados pela TV Escola.

4.5 Limitações da pesquisa

Em face do período reduzido para a conclusão deste trabalho, precisamos limitar a pesquisa, buscando as respostas para nossas indagações somente por intermédio das pessoas que são responsáveis pela gravação e pelo uso dos programas. Seria relevante que ouvíssemos os alunos, no entanto isso demandaria um tempo do qual não dispnhamos.

Outra limitação por nós imposta foi a de trabalhar somente com escolas da Rede Municipal de Ensino, muito embora várias escolas da Rede Estadual também adotem o TV Escola.

4.6 Descrição dos questionários

4.6.1 Dos coordenadores pedagógicos

Observando a grande influência que os coordenadores pedagógicos das escolas da Rede Municipal de Ensino de Dourados têm na intermediação do professor com o Programa TV Escola e que eles são, na concepção da Secretaria Municipal de Educação, os responsáveis pela difusão dos programas do TV Escola, também foi elaborado um questionário a ser respondido pelos coordenadores pedagógicos das 14 escolas pesquisadas. O questionário tentou responder às seguintes indagações: de que forma os programas influenciam na formação do professor? Quantos professores existem na escola? Quantos professores utilizam os programas? As respostas a essas perguntas possibilitaram-nos analisar como o Coordenador Pedagógico analisa a utilização do Programa pelos professores, se positivamente ou não. Também possibilitou saber se a maioria ou a minoria dos professores adota os programas em suas aulas.

Tendo em vista que nem todas as escolas gravam as fitas e que neste caso, os professores solicitam as fitas mediante informações fornecidas pelo material impresso vindo do MEC, perguntamos qual o procedimento adotado para a

solicitação das fitas e quanto tempo é necessário para que o professor tenha em mãos a fita solicitada.

Com base na informação de que os coordenadores pedagógicos são os responsáveis pelo TV Escola, cabendo a eles fazer uma análise criteriosa quanto à qualidade dos programas veiculados pelo TV escola e quanto à eficácia das fitas disponíveis no acervo escolar, elaboramos perguntas que buscavam saber: como a Coordenação analisa a qualidade dos programas; como a Coordenação classifica o trabalho dos professores que utilizam os programas em relação àqueles que não utilizam; se a Coordenação Pedagógica realiza pesquisas sobre a eficácia das fitas disponíveis e se há empenho por parte da Coordenação a fim de garantir que os materiais estejam disponíveis no horário solicitado pelos professores.

Sabendo que a qualidade do material disponível na escola é fator primordial para a utilização ou não dos programas tanto como formação continuada como para uso em sala de aula, procuramos saber há quanto tempo foram adquiridos os kits tecnológicos disponíveis e qual a qualidade dos materiais multimeios existentes na escola.

4.6.2 Dos professores

Um questionário foi elaborado visando obter respostas para as perguntas por nós levantadas: os programas do TV Escola conseguem provocar mudanças quando inseridos como recurso didático em sala de aula? Como os programas do TV Escola têm influenciado no desenvolvimento profissional dos professores que o utilizam? É possível, com o uso dos programas do TV Escola, provocar uma mudança de comportamento no profissional que os utiliza? Neste sentido, elaboramos um questionário para os professores e outro para os coordenadores pedagógicos.

No questionário para os professores, tentamos levantar informações sobre o significado do Programa TV Escola para o professor, procurando saber o que é o TV Escola na concepção do professor e se a partir da inserção das fitas em

sala de aula, foi despertado no aluno um maior interesse pelo conteúdo ministrado. Também buscamos saber sobre a qualificação dos professores pesquisados, se completaram o Magistério, algum Curso Superior ou cursaram Pós-Graduação. Também indagamos sobre o tempo de atuação no magistério, o que nos possibilitou uma avaliação mais segura, uma vez que partimos da premissa de que o professor com mais tempo de magistério pôde utilizar os programas do TV Escola, acompanhando inclusive uma possível melhoria na qualidade da programação. Também levantamos: a carga horária de trabalho, a faixa etária do professor e o sexo, uma vez que as respostas poderiam elucidar questões referentes ao uso ou não do TV Escola pelo professor.

Visando levantar o contexto onde o professor está inserido, buscamos saber se ele leciona somente na rede pública ou também na rede particular. Outra indagação relevante para a pesquisa foi verificar o domínio dos recursos tecnológicos disponíveis na escola pelo professor; para tanto, perguntamos se ele freqüentara cursos que o prepararam para o uso dos multimeios;

Com o intuito de saber se os materiais impressos do TV Escola são utilizados pelos professores e demais funcionários da escola, e qual a contribuição que a Coordenação Pedagógica oferece aos professores no que tange ao acompanhamento e à utilização dos programas transmitidos pelo TV Escola, interrogamos os professores sobre o horário em que é feita a seleção das fitas e quem as seleciona para o uso em sala de aula.

Considerando que para uma boa utilização dos programas é necessário conhecer o conteúdo da fita gravada, assistindo-a com antecedência ao horário estipulado para trabalhar em sala de aula, procuramos saber onde os professores assistem às fitas gravadas, se na escola ou em casa.

Também procuramos levantar informações sobre o constante aperfeiçoamento dos professores e se possuem domínio técnico dos recursos tecnológicos de que a escola dispõe. Questionamos se eles acompanham outros programas da TV aberta ou algum programa da TV paga, procurando eles próprios selecionar e gravar fitas para uso em sua aula.

Considerando o material gravado nas escolas, foram elaboradas três questões sobre a qualidade das fitas gravadas, se o som é inteligível e se a imagem é nítida.

Para colher dados que possibilitassem analisar a qualidade dos programas do TV Escola, foram elaboradas três questões específicas: uma para que o professor expressasse sua opinião sobre a qualidade dos programas do TV escola ; outra sobre a Influência dos programas em seu desenvolvimento profissional e uma terceira sobre a possível influência na mudança de comportamento do profissional que utiliza a programação.

Visando contribuir para a melhoria dos programas emanados da TV Escola, foi elaborada uma questão na qual os professores tiveram a oportunidade de registrar suas sugestões para que os futuros programas possam lhes proporcionar maiores conhecimentos.

4.7 As entrevistas

4.7.1 Das pessoas responsáveis pela gravação do Programa TV Escola

Visando complementar os dados levantados nos questionários, foram realizadas três entrevistas: uma com a pessoa responsável pelo Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos (CDRH) da Secretaria Municipal de Educação de Dourados, outra com um funcionário que faz a gravação dos programas na própria escola e outra com a Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, que é pessoa responsável pelo Ensino Fundamental, ligado à Superintendência de Educação e Ensino.

Tendo em vista que a gravação das fitas para as escolas municipais é realizada em dois locais, ou na própria escola, ou no Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos, que além de fazer a gravação diária e emprestar o material para as escolas, também realiza o serviço de regravar

para as escolas que querem ter as fitas disponíveis em seu acervo, foram entrevistadas as pessoas responsáveis pela gravação nos dois lugares. Questionamos se a transmissão dos programas é de boa qualidade, tanto no que se refere ao potencial didático-pedagógico quanto no que diz respeito ao som e à imagem.

Com o intuito de saber se a gravação é feita diariamente ou se existe uma seleção prévia do material a ser gravado, perguntamos: qual o critério adotado para a seleção dos programas a serem gravados; quais as fitas mais procuradas pelos professores; quantas fitas, aproximadamente, possui o acervo da escola e quantas fitas são emprestadas em média, diariamente, tanto na escola como no CDRH.

Com o objetivo de verificar se os materiais impressos são utilizados, perguntamos se as Revistas TV Escola e os demais materiais enviados pelo MEC são muito consultados pelos professores, pelos coordenadores pedagógicos e demais funcionários da escola.

Sabendo que as fitas VHS são um material de primeira necessidade para a gravação dos programas e que as dificuldades financeiras enfrentadas pelas escolas públicas são muitas, procuramos saber quem é o responsável pela aquisição das fitas destinadas à gravação dos programas.

Com o intuito de saber se a pessoa responsável pela gravação do Programa TV Escola tem conhecimento técnico para desempenhar a função e qual a sua lotação dentro do quadro de funcionários da escola, perguntamos às pessoas responsáveis pela gravação dos programas qual motivo levou a Direção da escola a escolhê-las para a função e se fizeram algum curso preparatório para o desempenho dos encargos assumidos.

Também procuramos saber qual o maior problema encontrado para que se proceda à gravação dos programas.

Assim como nos questionários, também deixamos um espaço para que os responsáveis pela gravação dos programas do TV Escola pontuassem sugestões para a melhoria do trabalho desempenhado.

4.7.2 Da Coordenadora Pedagógica

Tendo em vista que em todos municípios as escolas municipais cadastradas no Programa TV Escola estão sob a jurisdição da Secretaria Municipal de Educação, entrevistamos também a responsável pelo Ensino Fundamental, ligado à Superintendência de Educação e Ensino.

Para a comprovação de que as escolas selecionadas para fazer parte desta pesquisa atendiam ao mínimo exigido para a verificação dos dados, iniciamos a entrevista perguntando para a Coordenadora Pedagógica quantas escolas da sede urbana do município de Dourados estão cadastradas no Programa TV Escola. Também quisemos saber se todas as escolas possuem o kit tecnológico.

Tendo em vista que a Secretaria Municipal de Educação é a responsável direta em proporcionar aos professores uma formação continuada, perguntamos como a Secretaria analisa o uso dos programas do TV Escola como auxílio na capacitação em serviço dos professores e também como recurso em sala de aula.

Apesar de saber que a maioria dos professores considera os programas do TV Escola um bom recurso didático-pedagógico e para sua própria capacitação, pudemos detectar que muitos fatores impedem um uso a contento nas escolas. Por isso, interrogamos a Coordenadora Pedagógica sobre a existência por parte da Secretaria Municipal de Educação, de algum estudo para sanar os problemas.

Considerando que equipamentos tecnológicos quando usados freqüentemente necessitam de uma manutenção constante, perguntamos qual o procedimento adotado pela Secretaria para garantir a manutenção dos aparelhos tecnológicos disponíveis nas escolas.

Sabendo que o trabalho de gravação, catalogação e organização da videoteca, arquivo e empréstimo de fitas é uma ocupação que exige tempo e dedicação por parte de quem desempenha a função e que não existe nas escolas da Rede Municipal de Ensino uma pessoa qualificada e com dedicação

exclusiva para conduzir esses trabalhos, procuramos saber se a Secretaria já tem propostas para sanar este problema.

Perguntamos se os professores têm tido a oportunidade de participar de cursos que os preparem para a utilização dos multimeios em sua aulas, tendo em vista que para desempenhar um trabalho completo com o uso dos programas do TV Escola é necessário que o professor possua, além do domínio didático-pedagógico, o domínio dos multimeios.

Em face do atual contexto sociocultural e das imposições da própria legislação, procuramos saber se além do Programa TV Escola, são proporcionados aos professores outros cursos de formação continuada.

Para finalizar a entrevista, também abrimos espaço para que a Coordenadora Pedagógica registrasse sugestões que possibilitem a melhoria da qualidade dos programas vindouros do TV Escola.

Na próxima subseção, de posse dos dados coletados, discutimos os resultados das análises, visando responder as três grandes perguntas iniciais expostas na Introdução deste trabalho.

4.8 Análise e discussão dos resultados

Como foi referido anteriormente, todas as escolas que participaram da pesquisa utilizam os programas da TV Escola, tanto no que se refere à formação continuada como para apoio em sala de aula.

Apesar das dificuldades na gravação de grande parte dos programas, ora pela falta de manutenção dos aparelhos, ora por falta de fitas, e até mesmo por falta de pessoal treinado para a função de serviço de gravação e controle das fitas, percebemos que a TV Escola tem uma boa aceitação por grande parte dos funcionários das escolas selecionadas.

Chamou-nos atenção o fato de que 57% dos professores mantêm um contrato de trabalho de 40 h/a e ainda assim, 72% dos professores pesquisados levam as fitas para assisti-las em suas casas, antes de usá-las

em sala de aula, o que demonstra a grande preocupação desses profissionais em desenvolver uma aula atraente aos alunos, utilizando os recursos proporcionados pelas novas tecnologias, conforme demonstrado nas figuras 2 e 3.

Figura 2 – Demonstrativo da carga horária de trabalho dos professores

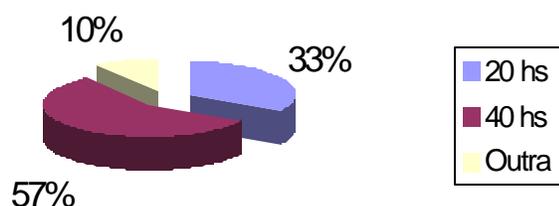
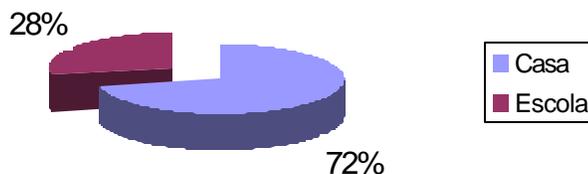


Figura 3 – Local onde os professores assistem às fitas



É certo que a organização e a distribuição do tempo de trabalho do professor afetam a aceitação ou não de um programa, afinal, é preciso tempo para selecionar e assistir ao material. Este foi um dos obstáculos apontados pelos professores, que reclamam da inexistência de um horário em sua jornada de trabalho para, fora da sala de aula, assistir às fitas disponíveis na escola. Constatamos esse fato nos questionários dos professores quando foram indagados sobre o local onde assistem aos programas, se em casa ou na escola. Eis alguns trechos de respostas colhidas:

“O professor deveria ter um horário livre na escola para assistir os (sic) programas junto com outros professores” (Prof. L – 1).

“Na escola não tenho muito tempo, pois na escola tenho se (sic) envolvido muito com o PDE” (prof. B – 1).

“Por falta de tempo, seleciono as fitas conforme catálogo explicativo que há na Instituição Escolar e procuro assisti-los rapidamente na escola” (Prof. J – 1).

Porém, vale ressaltar que apesar de os professores terem interesse em utilizar as fitas em suas aulas, a maioria deles não domina os recursos tecnológicos disponíveis na escola. Em entrevista com a videotecária de uma das escolas pesquisadas, ela nos relatou que:

“Na maioria dos casos, quem usa a fita na sala de aula é o aluno, que vai colocar no vídeo, vai mexer nos aparelhos, pois a maioria dos professores não se interessa, nem os coordenadores pedagógicos. Acho que não querem entrar em contato, aprender gravar, aprender ir lá mexer com os vídeos”.

Tal situação foi comprovada quando os professores responderam à pergunta sobre a realização de algum curso de aperfeiçoamento que os preparasse para o uso dos multimeios em sala de aula; as respostas foram surpreendentes: 64% dos professores não fizeram curso e aqueles que informaram já terem feito algum, referiram-se a cursos sobre aplicativos como Windows, Excel, etc. Porém, isso não corresponde à necessidade do professor em dominar os recursos tecnológicos disponíveis na escola, como TV e vídeo.

Na entrevista com a Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação do Município de Dourados, constatamos que os cursos oferecidos sempre estão voltados para o uso pedagógico dos multimeios:

“Os professores dentro dos cursos, das capacitações têm tido orientação de como utilizar os recursos pedagogicamente, didaticamente, o que tem faltado é orientação técnica para utilização desses recursos. Então se os professores têm dificuldade na utilização técnica desses recursos, a Secretaria ainda não pensou em como estar resolvendo isso. Se existe essa dificuldade, ela ainda não foi resolvida, interessante até que nós pensamos sobre essa necessidade, de estar orientando tecnicamente esse profissional”.

Com a inserção dos programas da TV Escola em sala de aula, os professores afirmam que há um maior interesse pelo conteúdo por parte dos alunos, o que nos remete a FERRÉS, quando ele afirma que

“Existe uma diferença radical entre as letras e as imagens. O universo do telespectador é dinâmico, enquanto que o do leitor é estático. A televisão favorece a gratificação sensorial, visual e auditiva, enquanto que o livro favorece a reflexão” (1996, p. 21).

Outro dado relevante apontado pela pesquisa é que 59% dos professores fazem a seleção das fitas para uso em sala de aula com o apoio da Coordenação Pedagógica, ou da pessoa encarregada de gravar os programas. Conforme depoimento da videotecária de uma das escolas, após a seleção da fita, ela a deixa no ponto exato a ser utilizado pelo professor em sua aula.

No entanto, a maior parte das escolas não possui um funcionário encarregado exclusivamente da gravação, da catalogação, do empréstimo e do controle do acervo de vídeos da escola, sendo esta é uma das reivindicações feitas pelos professores junto à Coordenação e à Direção da escola.

As escolas têm solicitado as fitas ao Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos (CDRH), que, a nosso ver, está melhor equipado tanto no que se refere aos recursos tecnológicos quanto ao espaço físico. Contudo, a distância e a demora para o acesso às fitas dificultam o uso das fitas, uma vez que é preciso alguém da escola se deslocar até o Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos, a fim de solicitar o empréstimo.

Em contato com o responsável pelo CDRH, pudemos constatar que são emprestadas em média, diariamente, de seis a oito fitas, o que demonstra que grande parte das escolas depende desse setor. Outro entrave é a falta de fitas para gravar os programas, uma realidade em todas as escolas e também no CDRH; lembremo-nos de que a programação do TV Escola é diária, o que exige uma reposição constante de material para gravação. Segundo a Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, há muitas dificuldades para garantir o acesso aos programas da TV Escola:

“Essas dificuldades vêm desde a aquisição da fita pelas escolas. O que nós temos pensado neste sentido, que a gente pensou como saída, uma alternativa, é dentro do CDRH manter ali uma pessoa responsável que tem feito a gravação desses programas com a maior qualidade possível, para que as escolas caso precisem dos programas e não tenham ele gravado na escola, eles lancem mão dessa fita que está no CDRH faz o empréstimo dessa fita e se eles querem essa fita para a escola, eles trazem uma fita e o próprio M. grava para que eles possam ter isso por

mais tempo na escola. Então foi uma das saídas pensadas para essas dificuldades”.

O responsável pela gravação no CDRH nos informou o seguinte:

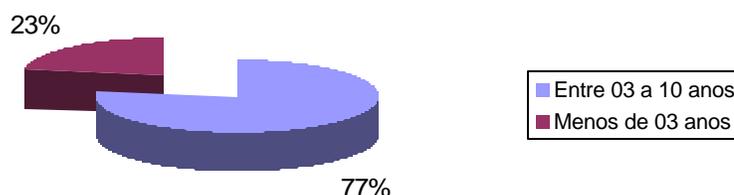
“Um outro problema encontrado é a falta de fita em si mesmo, que a gente tem dificuldade de estar comprando a fita, pois vai muita fita mesmo. Questão, por exemplo, como é gravação diária a gente grava teleconferência, TV Escola, Salto para o Futuro. E às vezes não dispomos dessa fita”.

Ainda sobre a escassez de fitas, ouvimos a pessoa responsável pela gravação em uma das escolas:

“Aqui na nossa escola quem compra as fitas é a APM da escola com a Direção, mas seria importante que a Secretaria também fizesse a aquisição para quando faltar verbas por parte da APM, a Secretaria pudesse complementar para a gente não ficar sem gravar”.

Outro dado que nos chamou atenção refere-se à idade dos professores que utilizam os programas da TV Escola: a faixa etária não é fator determinante para o uso ou não dos programas. Mais relevante na opção pela programação da TV Escola são as condições da própria escola, pois quando o professor não faz uso freqüente dos programas, essa opção é atribuída a fatores como: falta de espaço físico específico; qualidade dos aparelhos tecnológicos disponíveis na escola (a maioria deles foi adquirida entre três e 10 anos, conforme demonstrado na figura 4); falta de manutenção dos aparelhos e falta de um responsável exclusivo para atender à programação da TV Escola. Caso esses problemas fossem sanados, haveria um maior uso dos programas.

Figura 4 – Demonstrativo do tempo de aquisição do kit tecnológico



Constatamos que somente nas escolas onde os aparelhos foram adquiridos há menos de três anos, o material foi considerado como bom e em perfeitas condições de uso. Nesse caso, 100% dos professores fazem uso do Programa.

Um professor, ao responder à pergunta sobre quais sugestões gostaria de fazer para que os programas da TV Escola lhe proporcionassem maiores conhecimentos, fez um apelo, solicitando que se:

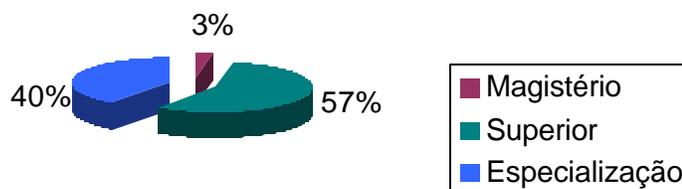
“Melhorasse a infra-estrutura nas escolas [local e/ou adequação da sala de aula para a TV], além de técnicos para gravação e organização das fitas, assim como divulgação dos conteúdos gravados” (Prof. B – 1).

Esta também é uma das reivindicações da pessoa responsável pela gravação dos programas na escola, que sugere ainda a existência de um lugar apropriado para a gravação dos programas:

“Deveria ter um espaço específico para gravação dos programas, eu quero dizer o seguinte, uma salinha somente para gravar. Porque você vai gravar na sala dos professores, o professor está conversando e na hora que você vai gravar você tem que ver a imagem, o chiado, essas coisas assim”.

De acordo com a pesquisa, os professores entrevistados, em sua maioria, atuam no magistério entre 10 e 20 anos. Dentre os professores, 3% possuem Curso de Magistério, 57% concluíram algum Curso Superior e 40% possuem pós-graduação em nível de Especialização, conforme demonstrado na figura 5.

Figura 5 – Demonstrativo de formação profissional dos professores



No que se refere à formação dos professores, notamos que eles estão preocupados em oferecer um ensino de qualidade, buscando para si próprios

uma atualização profissional que vá ao encontro da nova realidade enfrentada. A opção pelo uso dos programas da TV Escola como material de apoio pedagógico, pode estar relacionada à busca por essa capacitação constante. Além do efeito sedutor, a TV e o vídeo são recursos que saem dos limites da relação giz-lousa-livro didático. Eis algumas respostas que corroboram nossa assertiva:

“Tem me ajudado muito, principalmente quando o assunto é muito abstrato para os alunos, embora os assuntos não tenham uma seqüência” (Prof. H – 2).

“Têm melhorado as aulas com as imagens apresentadas pelo programa, que muitas vezes apenas explicar o aluno não compreende, mas vendo as imagens fica mais fácil” (Prof. H – 1).

“Ajuda a lembrar algumas técnicas muitas vezes esquecidas na sala de aula”. (H – 3).

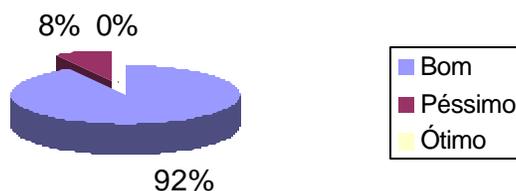
“Tem influenciado muito, pois através do TV Escola estou conseguindo fazer aulas diferenciadas” (A – 2).

Ao serem interrogados se com o uso dos Programas TV escola e a partir da inserção dos mesmos em sala de aula há maior interesse pelo conteúdo por parte dos alunos, constatamos que 72% dos professores responderam que sim, 10% responderam que não e 18% , as vezes.

Observamos através de entrevistas com as pessoas responsáveis pela gravação dos programas que dentre as fitas mais utilizadas pelos professores destacam-se: classificação dos seres vivos, plantas, fotossíntese, vida animal, ciências, história e geografia. Importante ressaltar que várias fitas são utilizadas também pelos demais funcionários da escola e para reuniões com a comunidades

Observamos que a qualidade do material gravado disponível na escola é considerado bom por grande parte dos professores entrevistados, conforme demonstrado na figura 6.

Figura 6 - Qualidade do material gravado



Observamos também que é válido o esforços das pessoas que fazem a gravação dos programas veiculados, pois pudemos constatar que ao serem interrogados quanto a imagem e som dos programas gravados, 71% dos professores consideram que o som é inteligível e a imagem é nítida

Em todas as escolas pesquisadas, os Coordenadores Pedagógicos realizam enquetes sobre a eficiência das fitas, tendo em vista as diversas formas de uso, procurando também garantir condições para que os equipamentos e o material solicitado pelo professor estejam disponíveis na data e no horário solicitado. É relevante a união do professor e do coordenador num trabalho que possibilite o uso da programação da TV Escola em sala de aula. Isso confirma a opinião dos Coordenadores Pedagógicos quando afirmam que a TV Escola tem melhorado a performance do professor em sala de aula, e que a maioria destes adota as fitas tanto como mecanismo de formação continuada quanto como material didático-pedagógico.

Observamos também que os coordenadores pedagógicos ao responderem a pergunta: como você classifica o trabalho dos professores que utilizam os Programas TV Escola em relação aos que não utilizam, responderam de forma afirmativa que os professores que utilizam conseguem provocar no aluno um maior interesse pelo conteúdo ensinado, pois propicia ao aluno um ensino atrativo, criativo e crítico. A seguir algumas afirmações colhidas:

“O trabalho dos professores que utilizam ampliam seus conhecimentos e enriquece as aulas. Aos que não utilizam, nota-se um trabalho repetitivo e sem muita qualidade e produtividade”

“As aulas dos professores que utilizam o TV Escola são mais dinâmicas e criativas, tornando os conteúdos mais significativos para o aluno”.

“Os professores que utilizam as fitas do TV Escola sabem o quanto é importante dinamizar sua aula não tornando monótono, somente no diálogo, quadro e giz”.

Ao responderem como os Programas veiculados pelo TV Escola têm influenciado no seu desenvolvimento profissional cotidiano, podemos constatar que a maioria considera como influência positiva. Eis alguns trechos de respostas colhidas:

“Permite clareza em determinados conteúdos, enriquecendo as aulas com curiosidades e ilustrações”. (prof. A – 1).

“Na análise dos conteúdos trabalhados, a fim de fixá-los”.(prof. H –4).

“As vezes utilizo as dicas para melhorar minha postura como professora”. (prof. I – 1)

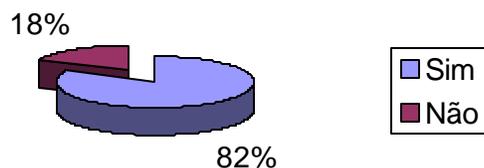
“De forma positiva dinamizando as aulas e as atividades” (prof. F – 4).

“Quando eu uso como recurso, as aulas se tornam mais agradáveis e fica mais fácil alcançar meus objetivos” (Prof. J -1).

“Instrumentaliza meu trabalho em sala de aula. (prof. J – 3).

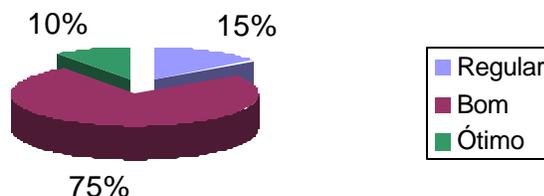
Quando questionados se os Programas do TV Escola conseguem provocar mudança de comportamento no profissional que os utiliza, 82% responderam que sim e 18% responderam que não, conforme podemos observar na figura 7.

Figura 7 – Demonstrativo da análise do Programa TV Escola em relação a mudança de comportamento dos profissionais que o utiliza.



Ao serem interrogados quanto à qualidade dos programas da TV Escola, as respostas dos professores ficaram assim distribuídas: 15% acham regular; 75%, bom e 10%, ótimo, conforme podemos verificar na figura 8.

Figura 8 – TV Escola – Avaliação da qualidade dos programas



Observamos que a maioria dos professores acha boa a qualidade dos programas. Quando tiveram oportunidade de deixar suas sugestões para a melhoria dos programas vindouros, fizeram-no com muita segurança e com a experiência de quem sabe o que precisa para trabalhar de forma crítica, criativa e inovadora. Essas sugestões variam bastante, uma vez que cada professor pensou na série em que trabalha, na clientela que atende e principalmente na possibilidade de aprimorar sua formação profissional, preocupado em oferecer um ensino de qualidade. Eis algumas sugestões colhidas:

“Que [o programa] também mostrasse atividades diferenciadas de como trabalhar com os mais diversos conteúdos, principalmente no ensino da Matemática” (Prof. B – 3).

“Que os assuntos fossem trabalhados com a realidade de cada estado e país” (Prof. E – 3).

“Que estes programas abolissem os debates entre os profissionais, não de todo, mas em partes, e nos mostrassem mais programas com sugestões de trabalho, efetivamente comprovados na prática, e a partir daí, iríamos ser mais estimulados a tentar estas novas propostas” (Prof. J – 2).

“Usar ou aproveitar o nosso potencial brasileiro, não usar muita imagem estrangeira. Exemplo: Pantanal, rios, animais, etc.” (Prof. M – 1).

“Que os programas fossem completos sobre o assunto...” (Prof. F – 1).

"Que trabalhasse mais a língua estrangeira de 5ª a 8ª séries" (prof. H – 4).

O responsável pelo Centro de Desenvolvimento de Recursos Humanos também fez sugestões quanto ao conteúdo dos programas, algumas delas semelhantes às propostas pelos professores:

"Uma série de mudanças faz-se necessário: eu acho que até a questão da qualidade da TV Escola, nós temos hoje a programação toda misturada, tinha que ser mais específica para a gente estar gravando. Tem que gravar toda numa fita, tem que catalogar isso aí, o professor leva para a escola e fica rodando toda a fita para achar aquele programa de 15 minutos que ele quer. Então eu acho que tinha que ser mais específico, por exemplo: vamos trabalhar plantas, germinação, fotossíntese, capacidade, meio ambiente, mas num dia só. Muitas vezes é necessário, numa fita de seis horas de gravação, o professor ficar horas e horas procurando esses programas, sendo que na fita tem um programa que interessa para ele de apenas de 15 a 20 minutos. Então isso dificulta muito".

Outro fator que impede o uso contínuo dos programas é a demora no conserto dos aparelhos. Pudemos observar que a Secretaria Municipal de Educação tem envidado esforços para sanar esse problema. De acordo com a Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação responsável pelo Ensino Fundamental, várias são as tentativas da Secretaria para sanar o problema:

"A orientação que nós temos quanto ao kit tecnológico é que quem tem que dar essa assistência técnica é o MEC, só que esse processo é muito demorado, que o MEC via Secretaria do Estado faz a solicitação e pede encaminhamento das escolas que estão com problema. E aí nós encaminhamos, só que existe uma demora neste trâmite, então o que acontece às vezes a gente espera que o MEC tome as providências e encaminhe os recursos e muitas vezes nós mesmos, o município, tomamos essas medidas que inclusive já tem uma empresa que faz esse serviço, só que quando nós fazemos isso, nós sabemos que esse recurso vai ser de responsabilidade do município, que o MEC com certeza não vai estar cobrindo esses gastos. Então o que acontece muitas vezes é uma indecisão para saber quem vai tomar as providências ou arrumar os aparelhos, então nisso há uma demora. O que a gente tem pensado também que vai ser implantado a partir desse bimestre é estar encaminhando recursos para a escola, para que ela

possa também estar agilizando alguns consertos ou compra de fitas, coisa que seja mais rápido”.

Conforme relato da Coordenadora Pedagógica do Ensino Fundamental, a Secretaria Municipal de Educação está desenvolvendo um programa de formação continuada que utilizará o Programa TV Escola, havendo em cada escola um Coordenador responsável, que desenvolverá e orientará os trabalhos de capacitação junto aos professores de sua escola ou mesmo com os professores do pólo daquela região de escolas. Outra proposta da Secretaria refere-se à alocação de um técnico administrativo que auxiliará o Coordenador Pedagógico na gravação e na identificação das fitas. No entanto, a responsabilidade pela implementação do Programa TV Escola continua a cargo do Coordenador. Na concepção da Secretaria de Educação, o Coordenador Pedagógico da escola deve estar à frente dessa implementação, porque ele precisa conhecer o TV Escola, a fim de utilizá-lo no projeto de formação continuada.

Além dos programas do TV Escola, 38% dos entrevistados acompanham outros programas da TV aberta ou da TV paga, procurando selecionar e gravar eles próprios fitas para uso em suas aulas.

Dentre as pessoas que fazem o trabalho de gravação e controle das fitas, constatamos que atualmente os responsáveis estão “quebrando o galho” na função, desempenhando outras tarefas na escola. A maioria, porém, revela que desenvolve o trabalho junto ao Programa TV Escola com prazer.

Apesar do entusiasmo da maioria dos professores com os programas do TV Escola, alguns ainda resistem em assumir isso como uma nova linguagem a ser empregada pedagogicamente. Pudemos confirmar isso quando da entrevista com a responsável pelo Ensino Fundamental na Secretaria Municipal de Educação:

“A segunda situação que nós devemos trabalhar é a orientação pedagógica e didática do uso desses programas, como coloquei no início, não adianta o professor, por não ter uma proposta, trazer um vídeo, ele tem que saber utilizar esse vídeo e levar isso ao plano dele, ao planejamento. A escola tem que assumir isso como uma nova linguagem até para ser utilizado na escola contribuindo, não ficar só aquela coisa do livro didático e o material escrito só. Só que eu vejo que nesse ano o

nosso trabalho é cultural e a gente tem que ter uma mudança aí de cultura, porque a utilização de novas linguagens, novas tecnologias é uma dificuldade que nós temos, então quando nós falamos anteriormente que o professor não tem a capacitação técnica para esse uso, isso é verdadeiro, então quando ele tiver esse domínio técnico e o domínio pedagógico a gente vai estar caminhando para que o professor tenha também um novo olhar sobre as novas linguagens, as novas tecnologias, então é uma mudança de cultura, de paradigma”.

De acordo com depoimento da coordenadora pedagógica todas as 31 (trinta e uma) escolas da sede urbana do município de Dourados estão cadastradas no Programa TV Escola e possuem kit tecnológico.

Mediante os dados levantados nesta pesquisa, concluímos que as tecnologias de comunicação e de informação estão adentrando cada vez mais nos meios escolares e que sua implementação não pode mais ser descartada, pois o processo ensino-aprendizagem desencadeado com o auxílio da tecnologia carrega consigo um alto potencial de construção do conhecimento. Para os professores, é facultada a oportunidade de oferecer aos alunos um ensino crítico, atrativo, inovador; quanto ao educando, ele tem a oportunidade de construir um projeto pessoal, de acordo com o novo paradigma educacional estabelecido.

Não é possível deixar de perceber que a linguagem audiovisual está decisivamente incorporada a nossa cultura. Neste sentido, não se pode tratá-la apenas como um recurso educativo; é preciso aproveitar toda a sua dimensão formativa, pois a imagem é uma importante produtora de conhecimentos.

Por outro lado, as novas tecnologias apresentam um desafio para a área educacional. As tecnologias são um acervo para a humanidade, representando o acúmulo e o desenvolvimento de conhecimentos que o homem capta da natureza e da realidade. Se é um fato que a linguagem audiovisual tornou-se um índice cultural marcante nas últimas décadas do século XX e neste início de século, isto reforça a tese de que o uso da tecnologia é um ponto de partida possível para que as escolas alcançassem uma educação de qualidade.

Entretanto, ainda se enfrentam problemas mínimos diante das variadas possibilidades da tecnologia, como o caso da falta de fitas para a gravação dos programas veiculados pelo Programa TV Escola. É necessário que os órgãos

responsáveis pelo repasse dos programas aos educadores, forneçam os recursos para que as escolas não deixem escapar essa alternativa de capacitação em serviço. Vale aqui destacar o esforço dedicado por parte dos funcionários das escolas estudadas, que chegam a angariar recursos entre os colegas para adquirir fitas, proporcionando assim a continuidade da gravação dos programas.

Como pudemos perceber, apesar dos problemas que impedem a total implementação do Programa TV Escola, ele é de fundamental importância para os profissionais que o utilizam como programa de formação continuada, remetendo à experiência de outros professores em outros contextos, trazendo orientações metodológicas, estabelecendo a relação entre teoria e prática, oferecendo proposições teóricas e propondo ao professor a reflexão sobre sua prática pedagógica. Como recurso didático, o TV Escola contribui com a prática em sala de aula, principalmente quando é utilizado dentro de um planejamento que tenha objetivos pedagógicos claros, apresentando ao aluno uma outra linguagem possível.

Diante dos dados analisados buscamos no próximo capítulo, firmar nossas considerações sobre a pesquisa desenvolvida e as sugestões para futuros trabalhos, procurando visualizar outros caminhos que possam ser seguidos a partir do que foi apresentado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

“...nunca [...] plenamente maduro, nem nas idéias nem no estilo, mas sempre verde, incompleto, experimental.”

Gilberto Freire.

Mais do que a escritura de uma dissertação, este trabalho levou-nos, como participante da pesquisa, a construir um conhecimento maior sobre a contribuição que a educação a distância, por meio de programas como o TV Escola, proporciona aos profissionais que a utilizam.

Foi um conhecimento que se construiu nas diferentes etapas da elaboração deste estudo. O primeiro caminho foi o de verificar quais escolas da Rede Municipal de Ensino de Dourados fazem uso dos programas do TV Escola e se ele é freqüente. Após esse levantamento, estabelecemos os primeiros contatos para a consecução da pesquisa.

Uma nova etapa se nos colocava: a distribuição dos questionários, cuja finalidade era obter as primeiras informações para que a pesquisa fosse realizada. A distribuição e o recolhimento dos questionários nos proporcionaram momentos de grande interação com os trabalhadores em Educação das escolas, o que possibilitou que os dados fossem coletados com maior facilidade e contando com a compreensão das pessoas participantes da pesquisa. Foi possível nos aproximar do cotidiano dos envolvidos com a difusão dos programas do TV Escola. Depois dos questionários recolhidos, deparamo-nos com outra etapa da pesquisa: a realização das entrevistas, cuja função era complementar os dados levantados nos questionários.

Mais uma vez, nos vimos em meio a pessoas dotadas de um grande profissionalismo e que se sentiram valorizadas em colaborar com nossa pesquisa. Segundo elas, é muito importante a participação em pesquisas que proporcionem uma reflexão sobre os programas do TV Escola, pois elas fornecerão um aporte que auxiliará na melhoria da difusão dos programas e, quem sabe, na produção do próprio Programa.

Outra etapa de fundamental importância foi aquela dedicada à fundamentação teórica desta dissertação, abrangendo três grandes temas: o

ensino a distancia, o uso da tecnologia na escola e a formação continuada de professores.

Porém, foi durante a etapa dedicada à análise dos dados que sentimos o prazer de, pela primeira vez, realizar um trabalho de pesquisa e encontrar respostas, ainda que provisórias, para as perguntas que desde o início do trabalho nos inquietavam. Inicialmente, deparamo-nos com algumas dificuldades, pois não basta coletar os dados e dispô-los em tabelas ou gráficos; é preciso discuti-los, o que exige reflexão e principalmente, considerar o contexto no qual estão inseridos. Por vezes, tínhamos a impressão de estar discutindo o óbvio.

Os resultados desta pesquisa apontam para dois fatores relevantes para o sucesso do Programa TV Escola: a utilização da educação a distância na capacitação de professores e a introdução de novas tecnologias educacionais nas escolas públicas.

Há pouco mais de cinco anos da época de sua criação, o Programa TV Escola já deu passos decisivos para alcançar o objetivo inicial do governo federal, que era a constituição de um sistema nacional de educação a distância. Vale ressaltar que em seu curto tempo de existência, o Programa estendeu-se para o Ensino Médio e para a formação inicial de professores leigos. Porém, um instrumento que inicialmente serviria para a capacitação de professores do Ensino Fundamental alçou vôos maiores e já vislumbra uma ambiciosa meta: oferecer habilitação no Magistério para 70 mil profissionais até o fim de 2001, contribuindo sobremaneira para a melhoria da qualidade da educação brasileira.

Conseguimos, através dos dados levantados por intermédio dos professores e coordenadores pedagógicos, comprovar a hipótese de que as escolas cadastradas no Programa TV Escola conseguem provocar mudanças positivas na qualidade do ensino, considerando a importância do papel que o Programa desempenha na capacitação continuada dos professores da Rede Municipal de Ensino, bem como sua utilização como recurso didático em sala de aula. Os programas veiculados pelo TV Escola têm influenciado de várias maneiras no desenvolvimento profissional dos professores, facultando-lhes

trazer para a sala de aula o concreto que antes era abstrato, diversificando os recursos didáticos, enriquecendo o conteúdo ministrado, atraindo a atenção dos alunos com as imagens e o som, tornando as aulas atrativas, agradáveis e criativas.

Constatamos que os programas conseguem provocar uma mudança no comportamento dos profissionais que os utilizam, pois lhes possibilitam uma avaliação constante e crítica do trabalho desempenhado, reconstruindo a cada dia a prática do ensino.

Outra conclusão que consideramos de fundamental importância refere-se à utilização concreta do Programa TV Escola. É necessário que a Secretaria Municipal de Educação, a escola, os coordenadores pedagógicos e os professores caminhem juntos, numa ação coletiva. O professor deve estar disposto a introduzir os programas em suas aulas, tendo o domínio técnico dos aparelhos disponíveis na escola e o domínio pedagógico, com um novo olhar sobre as novas linguagens e as novas tecnologias. Os coordenadores pedagógicos devem incluir o recurso à programação da TV Escola nos planejamentos de ensino, facultando aos professores condições reais de preparar um bom trabalho; quanto à escola e à Secretaria, cabe a ambas viabilizar a compra e a manutenção dos aparelhos e a destinação de pessoal exclusivamente encarregado de lidar com a infra-estrutura para a difusão do TV Escola. Aliás, essa ação conjunta atenderá aos reclamos de todos os envolvidos com o Programa TV Escola, por uma pessoa específica e exclusivamente preparada para fazer o trabalho de gravação, seleção e controle das fitas; por uma maneira de garantir uma manutenção mais ágil e eficiente dos aparelhos tecnológicos de que a escola dispõe; por um período de tempo dentro do horário de trabalho do professor para sua formação e para trocar idéias com os colegas; por um espaço físico específico para a gravação dos programas.

Todo trabalho de pesquisa parece não chegar a um fim, a não ser aquele estabelecido pelas restrições de tempo e de espaço impostas pelas limitações de ordem prática que regem o trabalho científico. Durante a realização das leituras e o período em que nos debruçamos sobre os dados coletados, muitas

outras inquietações vieram à tona, mas nos vimos obrigados a desconsiderá-las e postergá-las para outra oportunidade. A título de citação, mencionamos algumas dessas inquietações, que podem gerar trabalhos futuros:

- de que forma o Programa TV Escola tem influenciado na formação continuada dos professores das escolas públicas estaduais?
- como os alunos vêem o uso dos programas do TV Escola em suas aulas?
- com a chegada dos computadores, há interação entre o TV Escola e o Proinfo?
- os atuais cursos de Graduação estão preparando os novos profissionais da educação para o uso dos multimeios em sala de aula?
- o que o governo federal tem feito para garantir, na jornada de trabalho do professor, um tempo para a formação em serviço e para o trabalho pedagógico dentro do local de trabalho?

Não há dúvida de que as possibilidades de futuros trabalhos não se esgotam nestas sugestões. Outros pesquisadores que se dedicam a estudos relacionados com tecnologia educacional e educação a distância poderão acrescentar a elas questionamentos que certamente despertarão novos olhares sobre o tema tratado nesta dissertação.

Esperamos que este trabalho contribua para aqueles que tiverem interesse em estudar e discutir o Programa TV Escola, tanto em utilização como recurso de capacitação continuada dos professores, como recurso didático-pedagógico em sala de aula. Também esperamos que sirva de parâmetro para a escolha de subsídios que orientarão a realização dos Programas vindouros do TV escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Cândido José Mendes de. **O que é vídeo**. São Paulo: Nova Cultural; Brasiliense, 1983. 96p. (Coleção Primeiros Passos)

ALMEIDA, Milton José de. **Imagens e sons**: a nova cultura oral. São Paulo: Cortez, 1994. 110p.

ALVES, João Roberto Moreira. Educação a distância e as novas tecnologias de informação e aprendizagem. Disponível em: <http://upd.cefetsp.br/~ped/ead01.htm>. Acesso em 05/01/2001.

Anos da TV Escola. Seminário Internacional. Ministério da Educação; Secretaria de Educação à Distância, Brasília, 1999. 112p. (Série de Estudos, Educação à Distância, v.7)

BABIN, Pierre; KOULOUMDJIAN, Marie-France. **Os novos modos de compreender: a geração do audiovisual e do computador**. São Paulo : ed. Paulinas, 1989. 38-59p.

BRASIL. Decreto n. 2.208, de 17 de abril de 1997. Regulamenta o § 2º do Artigo 36 e os Artigos de 39 a 42 da LDB (lei n. 9.394/96).

BRASIL. Decreto n. 2.494, de 10 de fevereiro de 1998. Regulamenta o Artigo 80 da LDB (lei n. 9.394/96).

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Secretaria de Estatísticas Educacionais. Sinopse estatística de Educação básica – Censo Escolar 1998. Brasília, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria do Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais Brasília, 1998. 174 p.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Dispõe sobre os Institutos Superiores de Educação, considerados os Artigos 62 e 63 da lei n.

9.394/96 (LDB) e o Artigo 9º, § 2º, alíneas “c” e “h”, da lei n. 4.024/61, com a redação dada pela lei 9.131/95. Resolução CP n. 1, de 30 de setembro de 1999.

DEMO, Pedro. **Desafios modernos da Educação**. 7. ed. Petrópolis : Vozes, 1998. 272p.

_____. **Questões para a teleducação**. Petrópolis : Vozes, 1998. 398p.

FERRÉS, Joan. **Televisão e Educação**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996. 180p.

_____. **Vídeo e Educação**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre : Artes Médicas, 1996. 156p.

FERRETI, Celso João *et al.* **Novas tecnologias, trabalho e Educação – um debate multidisciplinar**. 3. ed. Petrópolis : Vozes, 1996. 220p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo : Paz e Terra, 1996. 165p. (Coleção Leitura)

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL/UEMS Projeto de alteração no Projeto do Curso de Graduação Normal Superior : Habilitação em Magistério nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dourados, 2000.

FUNDO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO DA EDUCAÇÃO. Institui o Programa de Apoio Tecnológico às Escolas da Rede Estadual e Municipal do Ensino Fundamental, a ser financiado pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação, dentro do Programa de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental. Resolução n. 15, de 06 de junho de 1995.

GARDNER, Howard. **As estruturas da mente: a teoria das inteligências múltiplas**. Porto Alegre : Artes Médicas, 1994. 340p.

KAWAMURA, Lili. **Novas tecnologias e Educação**. São Paulo : Ática, 1990.

LAASER, Wolfram. **Produção e projeto de vídeo e TV instrucionais em Educação a distância**. Disponível em: <http://www.intelecto.net/ead/laaser.html>.

LANDIM, Claudia Maria das Mercês Paes Ferreira. **Educação à distância: algumas considerações**. Rio de Janeiro : [s.n.], 1997. 146p.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência. O futuro do pensamento na era da Informática.** Rio de Janeiro : Editora 34, 1993. 203p.

LITWIN, Edith. **Tecnologia Educacional. Política, histórias e propostas. O campo da tecnologia educacional.** Porto Alegre : Artes Médicas, 1995

LOBO NETO, Francisco José da Silveira. **Educação a distância: regulamentação, condições de êxito e perspectivas.** Disponível em: http://intelecto.net/ead_textos.

Acesso em 08/01/2001.

LUCENA, Marisa. **Diretrizes para capacitação do professor na área de tecnologia educacional: critérios para a avaliação de software educacional.** 1999. Disponível em: <http://www.insoft.softex.br/~projead/rv/softqual.htm>.

Acesso em 12/05/2000.

MARQUES, Ramiro. **Mudar a escola: novas práticas de ensino.** Lisboa : Horizonte, 1983. (Coleção Biblioteca do Educador Profissional)

MEILSMIDTH, Rogério Brites. **Guia Geo-Dourados.** Dourados, Gráfica Serima 2000. 1 mapa 15 x 22cm. Escala 1:65.000.

Mediatamente. **Televisão, cultura e educação** Ministério da Educação. Secretaria de Educação a Distância. Brasília, 1999. 112p (série de Estudos, Educação a Distância, v 11).

MORAN, José Manuel. **Mudar a forma de ensinar e de aprender com tecnologias.** Disponível em: <http://www.eca.usp.br/prof/moran/textos.htm>

Acesso em 07/02/2001.

_____. **Novas tecnologias e o reencantamento do mundo. Revista Tecnologia Educacional,** Rio de Janeiro, v. 23, n. 126, p. 24-26, set./out. 1995.

_____. **Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento INTERCOM. Revista Brasileira de Comunicação,** São Paulo, v. XVII, n.2, p. 38-50, jul./dez. 1994.

NUNES, Ivônio Barros. **Noções de Educação a distância. Revista Educação a Distância,** Brasília, INED/CEAD. v. 3, n. 4/5, 25p. , dez. 1993/abr. 1994.

PROFORMAÇÃO – Programa de Formação de Professores em Exercício. Disponível em: <http://www.mec.gov.br/seed/proform/historico.shtm> Acesso em 03/10/2000.

REVISTA ESCOLA E VÍDEO. Fundação Roberto Marinho, Rio de Janeiro, 1994. n. 10.

REVISTA TV ESCOLA. Brasília : MEC – Secretaria de Educação a Distância. 1998-2001. Bimestral.

REZENDE, Ana Lúcia Magela de; REZENDE, Nauro Borges de. **A tevê e a criança que te vê.** 2. ed. São Paulo : Cortez, 1993. 101p.

RODRIGUES, Rosângela S. **Modelo de avaliação para cursos de ensino à distância:** estrutura, aplicada e avaliação. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado) – PPGEP, Universidade Federal de Santa Catarina.

Salto para o Futuro: TV e Informática na Educação. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação à Distância, 1998. 96p. (Série de Estudos Educação à Distância, v.6)

Salto para o Futuro: Reflexões sobre a educação no próximo milênio. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação à Distância, 1998. 112p. (Série de Estudos Educação à Distância, v.3)

Salto para o Futuro: Educação do olhar. Brasília : Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação à Distância, 1998. (Série de Estudos Educação à Distância, v.1 e 2)

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e elaboração de dissertação.** Florianópolis: Laboratório de Ensino a Distância da UFSC, 2000. 118p.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Tecnologia do ensino.** Trad. Rodolpho Azzi. São Paulo : Herder; Ed. da Universidade de São Paulo, 1972. 260p.

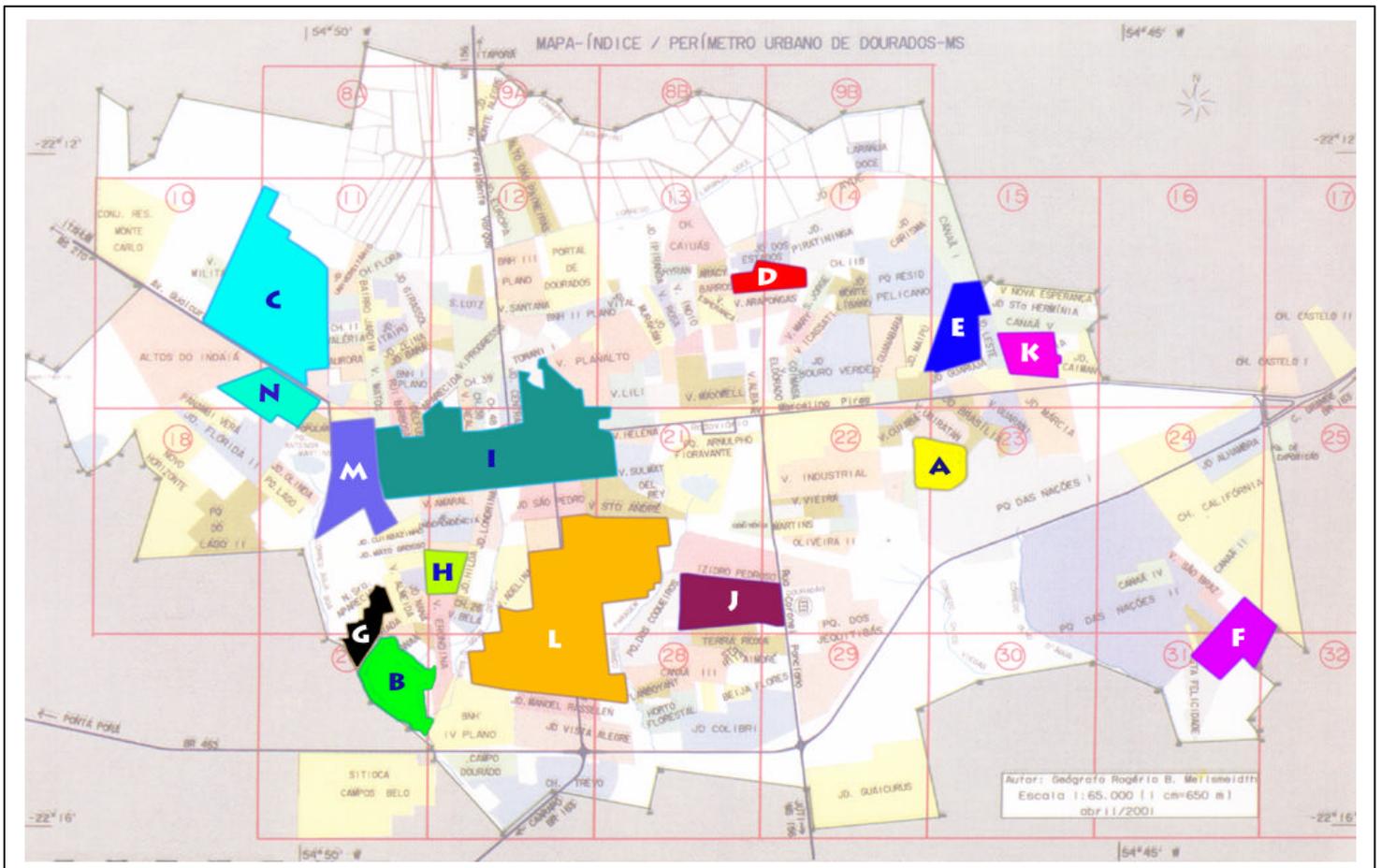
TOFLER, Alvin. A terceira onda. Rio de Janeiro : Record, .1999. 491p.

TV da Escola: Avaliação nacional do programa TV Escola: Ministério da Educação e do Desporto; Secretaria de Educação à Distância. Brasília, 1998. 56p. (Série de Estudos Educação à Distância, v.1)

ZUIN, Álvaro Soares. *et al.* **A educação danificada:** contribuições à teoria crítica da educação. 2. ed. Petrópolis : Vozes; São Carlos : Ed. da UFSCar, 1998. 261p.

ANEXOS

Anexo 1 Localização das escolas



FONTE: Meilsmidth, Rogério Brites
Guia Geo-Dourados, 2000

Anexo 2.

Questionário para Professores

1 – O que é para você o Programa TV Escola?

.....
.....
.....

2 – Qual a sua formação profissional?

magistério

curso superior Qual área?.....

Pós-Graduação Qual área?.....

3 – Há quanto tempo atua no magistério?

menos de 10 anos

entre 10 e 20 anos

mais de 20 anos

4 – Qual sua carga horária de trabalho?

20 hs

40 hs

outra

5 – Leciona

somente na rede pública

também na rede particular

6 – Em que faixa etária você se enquadra?

menos de 20 anos

entre 20 e 30 anos

mais de 30 anos

7 – Sexo:

masculino

feminino

8 - Já fez curso de aperfeiçoamento que o preparasse para o uso dos multimeios (novas tecnologias) em sala de aula?

sim não

Caso tenha feito, descreva-o

.....

9- Quem seleciona os programas que você utiliza em sala de aula?

.....

10 – Você tem tempo de assistir os programas na escola ou você tem que assisti-los em sua casa?

.....

11 – Além dos Programas TV Escola você acompanha outros programas da TV aberta ou algum programa da TV paga, procurando selecionar e gravar você próprio fitas que servirão em suas aulas?

sim

não

12 – Com o uso dos Programas TV Escola e a partir da inserção dos mesmos em sala de aula, você tem notado maior interesse pelo conteúdo por parte dos alunos?

13 – Como você analisa a qualidade do material gravado?

péssimo

bom

ótimo

14 – O som é facilmente inteligível?

() sim

() não

15 – A imagem é nítida?

() sim

() não

16 – O que você acha da qualidade dos Programas gravados pela TV Escola?

() regular

() bom

() ótimo

17 – Como os Programas TV Escola têm influenciado no seu desenvolvimento profissional cotidiano?

.....
.....

18 – Na sua concepção, os Programas TV Escola conseguem provocar uma mudança de comportamento no profissional que os utiliza?

() sim

() não

19 - Que sugestões você gostaria de fazer para que os Programas TV Escola pudessem lhe proporcionar maiores conhecimentos?

.....

Anexo 3.

Questionário para supervisor/coordenador pedagógico

1 – Na sua concepção, os Programas TV Escola têm de que forma influenciado na formação do professor?

positiva

relativamente positiva

não influencia

2 – Em que horário é feita a seleção dos Programas para uso em sala de aula, e quem faz?

R:

.....
.....

3 – Quantos professores têm nesta Escola?

.....

4 – Quantos professores adotam as fitas do Programa TV Escola nas suas aulas?

minoria maioria todos

5 – Como é feita a solicitação das fitas por parte dos professores?

através de ficha de pedido

verbalmente

6 – Da data que o professor solicitou a fita, quanto tempo demora para que ele as receba?

01 dia

de 02 dias a 04 dias

mais de 04 dias

7 – É feito por parte da coordenação pesquisas sobre a eficácia das fitas , em função das diversas formas de uso possíveis?

sim não

8 - A coordenação oferece condições para que os equipamentos e o material selecionado estejam disponíveis no horário e data solicitada?

sim não

9 – os materiais de multimeios existentes na escola estão em perfeito funcionamento?

.....

9 – Como pode ser considerado a qualidade dos equipamentos disponíveis na Escola para que os professores possam utilizá-los?

regular bom sem condições de uso ótimos

10 – Há quanto tempo os equipamentos (kit tecnológico) foram adquiridos?

menos de 03 anos
 entre 03 anos a 10 anos
 entre 10 e 20 anos

11 - Como você analisa a qualidade dos programas TV escola ?

.....

12 - Como você classifica o trabalho dos professores que utilizam os programas TV escola em relação aos que não utilizam?

Anexo 4.

Entrevista com as pessoas responsáveis pela gravação das fitas

- 1 – Como você analisa a qualidade da transmissão dos programas TV Escola?
- 2 – Qual o critério adotado para a seleção dos programas a serem gravados?
- 3 – Quem adquire as fitas destinadas a gravação dos programas?
- 4 – Quais as fitas mais procuradas pelos professores?
- 5 – Em média, quantas fitas são emprestadas por dia?
- 6 – Quantas fitas tem o acervo desta escola, aproximadamente?
- 7 – As revistas TV Escola e os demais materiais impressos enviados pelo MEC são muito utilizados pelos professores e coordenadores e demais funcionários da escola?
- 08 – Qual o motivo levou a escola a escolher você como responsável pela gravação dos programas?
- 09 – Você fez algum curso que o preparasse para desempenhar a função que ocupa, ou seja, fazer a gravação dos programas?
- 10 – Qual o maior problema que você tem encontrado para proceder a gravação dos programas?
- 11 – O que você sugere para melhorar o trabalho que você desempenha?

Anexo 5.

Entrevista com a coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Educação - responsável pelo Ensino Fundamental

1 – Quantas escolas da Sede Urbana estão cadastradas no Programa TV escola?

2 – Todas as escolas possuem Kit tecnológico?

3 - De que forma a Secretaria analisa o uso dos Programas TV Escola como auxílio na capacitação dos professores, e também como recurso em sala de aula?

4 – Tendo em vista que após levantamentos feito junto às escolas da REME (selecionadas para participar da pesquisa) observamos que os programas TV escola apesar de ser considerado ótimo pela maioria dos professores que os utilizam, detectamos que muitos fatores impedem o bom andamento do seu uso nas escolas, como: má qualidade na transmissão dos programas, falta de fitas, dentre outros. Existe estudos para sanar esses problemas?

5 – Qual o procedimento adotado para manutenção dos aparelhos tecnológicos disponíveis nas escolas?

6 – Outro grande problema levantado na nossa pesquisa é a falta de uma pessoa qualificada e com dedicação especialmente para conduzir os trabalhos de gravação, seleção dos programas, organização da videoteca, controle dos empréstimos. A Secretaria já tem alternativas para sanar este problema?

7 – Os professores têm tido oportunidade de participar de cursos que os preparem para a utilização dos multimeios em sua aulas?

8 – Além do Programa TV escola é proporcionado aos professores outros cursos de formação continuada?

9 – Que sugestões você gostaria de fazer para que os programas fossem utilizados com maior facilidade?